

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E  
INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
CULTURA**

**Mateus Pedrozo Oliveira**

**Podcast Além do Meme: desdobramentos narrativos**

**Sorocaba/SP  
2025**

**Mateus Pedrozo Oliveira**

**Podcast Além do Meme: desdobramentos narrativos**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Área de concentração: Mídias.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

**Sorocaba/SP  
2025**

## Ficha Catalográfica

Oliveira, Mateus Pedrozo

S235b Podcast Além do Meme: desdobramentos narrativos / Mateus Pedrozo Oliveira. -- 2025.

118 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) –  
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2025.

Elaborada por Maria Carla Pascotte Freitas Gonçalves – CRB-8/6721

**MATEUS PEDROZO OLIVEIRA**

**Podcast Além do Meme: desdobramentos narrativos**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Míriam  
Cristina Carlos Silva

**Sorocaba/SP  
2025**

**MATEUS PEDROZO OLIVEIRA**

**Podcast Além do Meme: desdobramentos narrativos**

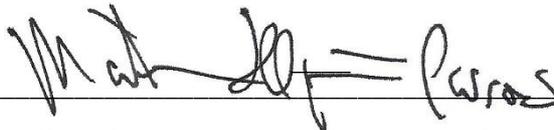
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 21/02/2025.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Cristina Carlos Silva



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos  
Renami



Prof. Dr. Paulo Celso da Silva - PPG Comunicação e Cultura  
Uniso

## AGRADECIMENTOS

A cada jornada, há pilares que sustentam o caminho, e os meus tiveram nomes e histórias que jamais esquecerei. Aos meus pais, Matuzinho e Ana, agradeço por acreditarem no meu esforço e me apoiarem desde o primeiro instante da vida. Vocês foram amparo nas tempestades e celebração nas bonanças. Minha gratidão se estende por me ensinarem a ser quem sou, por acreditarem, por apoiarem, por fazerem da minha existência um privilégio e da minha resistência ao vosso lado um dever.

À minha companheira Emilyn, meu abrigo e minha aventura. Dividir os dias com você é um presente que ressoa em todas as cores da vida. Obrigado por nunca duvidar, por acolher tanto minha luz quanto minha sombra, por permanecer e me lembrar de que, mesmo quando o caminho se torna árduo, vale a pena caminhar lado a lado.

À minha orientadora, Míriam, minha profunda gratidão por sua paciência, generosidade e sabedoria. Obrigado por me guiar com rigor e delicadeza, por acreditar no potencial deste trabalho e, acima de tudo, por me ensinar que a pesquisa é mais que um ofício: é uma arte de persistência e paixão. Seu exemplo de dedicação será para sempre uma inspiração.

Aos amigos, mestres e colegas que cruzaram minha estrada, cada um de vocês trouxe algo precioso à minha jornada. São laços que transcendem o acadêmico e preenchem a vida de sentido.

À professora Thifani, por se importar, pelas palavras de carinho e atenção, por trazer leveza quando era difícil.

Ao professor Paulo, pela sua visão única e reflexões profundas.

Ao Antônio, pelos comentários riquíssimos e rebuscados.

À Juliana, por compartilhar comigo sua experiência no mestrado.

Ao Diego, pelos momentos de descontração e boas risadas.

À Malu, pela sinceridade e espontaneidade.

À Lindsay, sempre trazendo atenção aos detalhes importantes.

À Flávia, por ser uma boa ouvinte e amiga dos colegas de mestrado.

À Gabriella, sempre presente e atenciosa.

Ao Marcel, por ser a cultura em pessoa.

À Maria José, com sua experiência e observações precisas.

À Tatiana, que pôde compartilhar seu percurso comigo.

Ao Lucas, pela sua paciência em acompanhar todo o processo de perto.

À Beatriz, eterna colega e amiga de graduação, que sempre acreditou no meu projeto e me apresentou ao meu *corpus*.

À Daniela, minha eterna professora, coordenadora de curso e amiga, que me mostrou esse caminho, respondeu minhas dúvidas não importasse o horário e sempre me incentivou para ser o pesquisador que me tornei.

À Maria Angélica, eterna professora, que mesmo vivendo um dos períodos mais difíceis de sua vida em meio à pandemia, foi uma professora amiga e presente

que orientou meu TCC na graduação e produziu comigo meu primeiro artigo científico e me encaminhou para minha orientadora.

A todos que acreditaram, ouviram, ofereceram uma palavra de encorajamento, meu mais sincero obrigado. Esta dissertação é também uma obra tecida pelas mãos do coletivo que me cerca.

*“Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a sua filosofia.” — William Shakespeare*

## Resumo

Esta pesquisa analisa as narrativas desdobradas dos memes, investigando como se constituem, do que tratam e sua relação com o meme original. Inseridos na *Cultura da Conexão* descrita por Henry Jenkins, os memes ultrapassam sua função inicial, sendo compreendidos como fenômenos culturais que articulam significados mais amplos. Sob a perspectiva das teorias de Vilém Flusser, os memes são abordados como imagens técnicas sujeitas à escalada da abstração, mediando e ressignificando experiências em um ambiente comunicacional dinâmico. Além disso, as narrativas associadas aos memes são compreendidas em seu aspecto mediático, como formas de mediação da experiência (Silva; Santos, 2015). Essas narrativas refletem a visão de mundo das comunidades e ao articular valores sociais, projetos e angústias. O objetivo desta dissertação é analisar os desdobramentos narrativos apresentados em um episódio do *podcast Além do Meme*. Para isso, foram explorados capítulos da série que abordam como a fama involuntária, derivada da viralização de memes, afeta as trajetórias pessoais e sociais dos indivíduos envolvidos. Os episódios escolhidos revelaram possibilidades amplas de leitura sobre essas ressignificações, culminando no que é definido como "cúmulo do redimensionamento", que descreve a ampliação e reconfiguração dos significados originalmente associados ao meme. A pesquisa contribui para a linha de Análise de Processos e Produtos Midiáticos ao compreender os memes como processos de mediação que articulam narrativas conectadas a questões sociais emergentes. Essas narrativas revelam-se não apenas como entretenimento, mas também como dispositivos que mobilizam valores culturais, refletindo as dinâmicas políticas, artísticas e comunicacionais contemporâneas. Compreender os memes sob esta ótica permite problematizar a maneira que eles funcionam como mediadores culturais, além de destacar seu impacto na construção de narrativas, oferecendo novas perspectivas para a análise do imaginário midiático.

**Palavras-chave:** meme; comunicação; podcast; linguagem; narrativa.

## Abstract

This research analyzes the unfolding narratives of memes, investigating how they are constituted, what they are about, and their relationship with the original meme. Inserted in the Culture of Connection described by Henry Jenkins, memes go beyond their initial function, being understood as cultural phenomena that articulate broader meanings. From the perspective of Vilém Flusser's theories, memes are approached as technical images subject to the escalation of abstraction, mediating and resignifying experiences in a dynamic communicational environment. In addition, the narratives associated with memes are understood in their media aspect, as forms of mediation of experience (Silva; Santos, 2015). These narratives reflect the worldview of communities and articulate social values, projects, and anxieties. The objective of this dissertation is to analyze the narrative unfoldings presented in an episode of the podcast *Além do Meme*. To this end, episodes of the series were explored that address how involuntary fame, derived from the viralization of memes, affects the personal and social trajectories of the individuals involved. The episodes chosen revealed broad possibilities for reading these resignifications, culminating in what we define as the "peak of resizing," which describes the expansion and reconfiguration of the meanings originally associated with the meme. The research contributes to the line of Analysis of Media Processes and Products by understanding memes as mediation processes that articulate narratives connected to emerging social issues. These narratives reveal themselves not only as entertainment, but also as devices that mobilize cultural values, reflecting contemporary political, artistic, and communicational dynamics. Understanding memes from this perspective allows us to problematize the way they function as cultural mediators, in addition to highlighting their impact on the construction of narratives, offering new perspectives for the analysis of the media imaginary.

**Keywords:** memes; communication; podcast; language; narrative.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Meme com o quadro "A Última Ceia" de Leonardo da Vinci.....	28
Figura 2 — Meme "Distracted Boyfriend".....	32
Figura 3 — Meme "Distracted Boyfriend".....	32
Figura 4 — Meme "Grumpy Cat".....	33
Figura 5 — Meme "Keep Calm and Carry On".....	34
Figura 6 — Meme "Doge" original.....	35
Figura 7 — Releitura do meme "Doge".....	36
Figura 8 — Releitura do meme "Doge".....	36
Figura 9 — Meme "The cake is a lie".....	37
Figura 10 — Meme "Ice bucket challenge".....	39
Figura 11 — Meme "Woman yelling at a cat".....	41
Figura 12 — Meme sobre o movimento " <i>Black Lives Matter</i> ".....	42
Figura 13 — Capa do <i>Podcast</i> "Além do meme".....	68

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2. O MEME</b>	<b>21</b>
<b>3. O MEME E A IMAGEM TÉCNICA</b>	<b>45</b>
<b>4. O MEME E AS NARRATIVAS</b>	<b>59</b>
4.1 Metodologia	63
4.2 Análise dos Episódios	64
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>81</b>



## 1. INTRODUÇÃO

No contexto da licenciatura em Letras, o meme foi explorado como um artefato comunicativo, culminando em um trabalho de conclusão de curso que investigou o processo de comunicação que o envolvia. Graças à facilidade de manipulação e divulgação de materiais no ciberespaço, no interior da dinamicidade, nos modos de propagação e na acessibilidade peculiares desse meio, os memes se tornaram um fenômeno cultural e uma forma de o usuário entender o mundo, ressignificar as informações que interpreta e replicá-las em novas cadeias de sentidos.

Na Multimodalidade, voltada para o estudo das formas de integração das linguagens verbal e visual dos produtos de comunicação e planejadas dentro de uma “gramática” visualmente desenhada, foi possível observar o aparato que forneceu a base para analisar a constituição e as especificidades da linguagem dos memes. As dimensões propostas pelos quadrantes do Grupo de Nova Londres<sup>1</sup>, relativas às competências do Multiletramento, surgem como potenciais formativos do indivíduo: além de se tornar um usuário multifuncional, ele precisa ser um analista crítico e transformador de sentidos novos.

Foi possível perceber que a imagem do meme cria um evento a partir do qual ele possa ser interpretado para ser replicado posteriormente em outros sentidos, como uma “nova espécie” de artefato comunicativo. Sendo assim, seu processo de compreensão envolve uma contextualização prévia e necessária, que remete a sentidos anteriores que o situam (origem, acontecimentos, discursos, universos particulares, nichos) e que cumprirão o papel de mediação. Sob o ponto de vista da Semiótica Social<sup>2</sup>, toda significação dos novos artefatos de comunicação será, pois, um construto social que se efetiva nos novos significados.

---

<sup>1</sup> O Grupo de Nova Londres é formado por dez pesquisadores de diferentes áreas relacionadas à educação linguística. São eles: Courtney Cazden, Bill Cope, Norman Fairclough, Jim Gee, Mary Kalantzis, Gunther Kress, Allan Luke, Carmen Luke, Sarah Michaels e Martin Nakata. Os participantes se reuniram em 1994 para a elaboração de uma proposta pedagógica apropriada ao mundo contemporâneo, o que originou a pedagogia dos multiletramentos.

<sup>2</sup> A semiótica social teve seu início na Austrália, na década de 1980, e marca o começo dos estudos da semiótica aplicada em textos multimodais, considerando todos os modos semióticos que acompanham o modo verbal e cujo foco está nas funções sociais da linguagem. “A semiótica social envolve os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana, em todos os períodos da história humana” (Hodge; Kress, 1988, p. 261). Trata-se da significação, com ênfase no processo de produção e recepção de signos. O foco está nos recursos usados e em como as pessoas os usam criando “artefatos comunicativos” e eventos onde estes serão interpretados. Essa prática produz um recurso semiótico.

Foi possível concluir que as pesquisas a respeito dos memes e os demais aparatos comunicativos da internet não devem se situar apenas nos limites dos estudos e análises de seus elementos constituintes internos ou de seu funcionamento na sociedade.

A flexibilidade na manipulação e ampla difusão de conteúdos no ciberespaço, junto com as características dinâmicas de propagação e acessibilidade próprias desse meio, fizeram dos memes um fenômeno cultural. Eles representam uma maneira de os usuários interpretarem o mundo, resignificarem as informações absorvidas e criarem novas cadeias de significado.

A abordagem da Multimodalidade, que investiga a integração das linguagens verbal e visual em produtos comunicativos, estruturados dentro de uma "gramática" visual, forneceu a base para examinar as especificidades da linguagem dos memes.

Além disso, os quadrantes do Grupo de Nova Londres, relacionados às competências do Multiletramento, revelam-se como potenciais formativos: o indivíduo, além de se tornar um usuário multifuncional, é chamado a ser um analista crítico, capaz de criar novos significados.

Os memes, por meio de suas imagens, geram eventos interpretativos que podem ser replicados em outros contextos, funcionando como uma "nova espécie" de artefato comunicativo. Esse processo de compreensão exige uma contextualização prévia, que conecta o meme a seus sentidos originais, como acontecimentos, discursos ou nichos específicos, e que desempenha um papel mediador. Sob a ótica da semiótica social, todo novo significado produzido pelos memes é resultado de um processo social coletivo.

Os exemplos de memes apresentados neste trabalho destacam, sem esgotar, características importantes do gênero, como a condensação de múltiplos discursos, o deslocamento de seus conteúdos para outros campos e a autopropagação, que gera complexas redes de significados compartilhados.

Da perspectiva dos princípios do Multiletramento que nortearam o trabalho da graduação e aparecem focados no potencial formativo para desenvolver as competências exigidas dos indivíduos para atuarem de forma plena na sociedade, a discussão poderia ser ampliada, para pensar na criação de práticas de ensino e aprendizagem que desenvolvam nos estudantes competências para se tornarem criadores de significações.

Foi a partir do trabalho de conclusão de curso que as discussões foram ampliadas, agora com uma pesquisa no campo da comunicação.

Assim, as discussões sobre narrativas contidas neste trabalho são amparadas por pesquisas desenvolvidas em conjunto com o grupo NAMI (Narrativas Midiáticas), que reúne pesquisadores interessados nas especificidades que caracterizam as linguagens das narrativas encontradas em diferentes meios de comunicação.

Logo após o ingresso no programa, uma colega de graduação, por saber que a pesquisa seguiu para o caminho dos memes, indicou um *podcast* que trazia narrativas sobre diversos memes populares. Um programa chamado *Além do Meme*, produzido por Chico Felitti na plataforma *Spotify*, tornou-se o *corpus*.

O programa possui 25 episódios ao todo, nos quais seu autor procura investigar os impactos na vida dos indivíduos que viraram memes, por meio de entrevistas com os próprios protagonistas e em alguns casos com outras pessoas envolvidas de alguma forma com os protagonistas, como família, amigos etc.

Após a análise de todos os episódios, foi possível selecionar um dos casos de grande impacto social e pessoal para o seu protagonista, o episódio 10 da primeira temporada, lançado em 2020, chamado *O menino do Bar Mitzvá*, um caso que teve muitas consequências negativas, episódio este que foi também utilizado como pauta para um projeto de lei chamado “Direito ao esquecimento”; esse mesmo projeto é retomado na segunda temporada do *podcast*, dois anos depois, no oitavo episódio, lançado em 2022, chamado *Taca-lhe Pau*, apenas para informar que o projeto foi negado, mas os questionamentos a respeito de medidas para administrar essa exposição que um meme pode causar continuam.

Foi desenvolvido um primeiro trabalho, como artigo de conclusão da disciplina Narrativas Midiáticas, cursada em 2022, com o objetivo de entender a natureza das narrativas dos memes. Na ocasião, o episódio “O menino do Bar Mitzvá”, do *podcast Além do Meme*, serviu de objeto de análise, a partir dos conceitos de axiomas da comunicação de Watzlawick, Helmick e Jackson (1967). Foi, portanto, o primeiro trabalho no qual o meme foi analisado, enquanto pôde-se compreendê-lo em sua relação com as narrativas.

Apenas ver o meme em si, como está sendo compartilhado na internet, proporciona uma visão muito limitada de seus impactos na vida de seus protagonistas. Assim, a pergunta norteadora deste trabalho é: Entender um meme enquanto narrativa nos permite um olhar crítico sobre suas reais consequências? A narrativa

devolveria alguma dimensão que ficou perdida no momento em que algo se torna um meme?

Os objetivos são entender a natureza dos memes, compreendê-los segundo a teoria das imagens técnicas de Vilém Flusser e o conceito de cultura da conexão de Henry Jenkins e mostrar que as narrativas sobre sujeitos protagonistas de memes permitem refletir sobre processos mediáticos.

Como parte da fundamentação teórica, foram usados os conceitos de Vilém Flusser, pois sua obra *Comunicologia* (2015) aborda uma crítica da cultura face às novas mídias, que trouxeram em potencial uma atualização para sua teoria da comunicação humana.

As imagens técnicas, como Flusser as chama, tornaram-se centrais na representação simbólica das sociedades, deslocando o protagonismo da escrita no papel. Elas são geradas e visualizadas apenas por meio de dispositivos técnicos, não possuem dimensões físicas ou materiais e concorrem com a escrita no protagonismo da representação simbólica das sociedades, provocando uma revolução da cultura. Tal revolução marca o início de uma nova era, a qual Flusser chama de Pós-História.

Para Vilém Flusser, a Pós-História representa um período em que a linearidade histórica dá lugar a um novo tipo de organização social e cultural, moldada pela tecnologia e imagens técnicas. A história é caracterizada por uma lógica linear de progresso, movida pela escrita alfabética e o registro de eventos de forma sequencial. Já na Pós-História, essa sequência perde o sentido, pois a sociedade passa a ser dominada por imagens e símbolos manipuláveis, que moldam a realidade de maneira mais cíclica e fragmentada.

Na visão de Flusser, o domínio das imagens técnicas, como fotografias, filmes e televisão, transforma a relação com o conhecimento e a comunicação. As informações deixam de ser organizadas numa narrativa cronológica e passam a compor um fluxo contínuo de imagens e dados. Isso redefine a forma de pensar, se relacionar e interpretar o mundo, conduzindo as pessoas a uma nova etapa cultural, na qual as tecnologias de comunicação assumem um papel central na formação de valores, experiências e identidades.

A Pós-História é uma era pós-linear, marcada pela prevalência das imagens técnicas e dissolução da sequência histórica tradicional. Ela representa uma sociedade em que os eventos são menos narrados e mais visualizados, modificando as noções de tempo, memória e realidade.

Essa revolução da cultura, marcada pelo predomínio das imagens técnicas, é considerada por Flusser como o início da Pós-História. Flusser (2012) traz o conceito da escalada da abstração, que descreve a evolução do pensamento humano desde o nível mais concreto até o mais abstrato, no qual o ser humano começa a criar abstrações cada vez mais complexas para interpretar e interagir com o mundo ao seu redor. As considerações de Flusser levam a uma leitura da dimensão zero como metáfora, o que será mais bem explicado ao longo da dissertação.

Na pesquisa, diversos conceitos de Henry Jenkins são utilizados para analisar a comunicação e a interação dos memes na era digital. Os principais conceitos abordados incluem a Cultura da Conexão, que junto a Green e Ford (2014), menciona que esta cultura permite ao público atuar ativamente na modelagem dos fluxos de mídia. Os produtores de conteúdo precisam estar abertos à ideia de que suas obras podem ser compartilhadas e remixadas, refletindo uma dinâmica interativa que transforma o consumidor em produtor.

A propagabilidade, que é conceito central na discussão de Jenkins (2014) sobre mídia propagável, referindo-se à capacidade de conteúdos se espalharem viralmente, a ideia de que “se algo não se propaga, está morto”, ressalta a importância da adesão e engajamento do público com o conteúdo, que se torna relevante à medida que é compartilhado.

A Inteligência Coletiva é definida por Jenkins (2014) como a colaboração de muitas pessoas, com o conhecimento compartilhado entre a comunidade. Essa colaboração fortalece a disseminação de memes e a criação de significados, revelando um potencial de poder midiático que transcende o individual e a cultura participativa; esse conceito destaca que, na era digital, os consumidores não são apenas receptores passivos de conteúdo, mas se tornam participantes ativos, contribuindo para a produção e a disseminação da informação. Esses conceitos ajudaram a fundamentar a análise da pesquisa, mostrando como a dinâmica atual da mídia e a interatividade influenciam a compreensão e a produção dos memes na comunicação contemporânea.

Os conceitos de Silva e Santos (2015) abordados na pesquisa tratam principalmente da narrativa e de seu papel de mediação na comunicação. Elas afirmam que as narrativas são formas de mediação da experiência, representando, interpretando, identificando, criticando e repensando fenômenos do mundo, o que torna a narrativa um caminho para a compreensão dos eventos. Essas narrativas são

vistas como produtos culturais que refletem singularidades perceptivas acerca da experiência humana, organizando e analisando fatos.

Adicionalmente, Silva e Santos (2015), amparadas em Benjamin, discutem que, na era moderna, as narrativas tradicionais, fundamentadas na oralidade, foram substituídas por formas de relato que enfatizam as vivências individuais e o ritmo acelerado da vida urbana. Essa transição influencia a produção de narrativas que têm um caráter imediato, refletindo mais a experiência privada que a coletiva. As autoras também exploram a evolução das narrativas mediáticas, enfatizando como os meios de comunicação contemporâneos alteram sua estrutura, incluindo o tempo, a fábula e o enredo. Em resumo, Silva e Santos (2015) contribuem para a pesquisa ao enfatizar a relevância das narrativas como procedimentos mediadores que refletem tanto a cultura quanto as transformações sociais na era digital, especialmente à luz das interações possibilitadas pelos novos meios de comunicação.

A pesquisa utiliza ainda os conceitos de Richard Dawkins (2007), especialmente a ideia de meme como uma unidade de transmissão cultural. Dawkins (2007) introduz o termo “meme” em seu livro *O Gene Egoísta*, definindo-o como a unidade básica da cultura, que se replica e se transmite entre indivíduos através da imitação, semelhante aos genes na biologia. Essa replicação pode ser afetada por mutações, resultando na evolução de ideias e comportamentos culturais.

Além disso, os memes são vistos como sujeitos à seleção natural: aqueles são mais impactantes, engraçados ou relevantes tendem a se propagar, enquanto outros se perdem. Dawkins (2007) também argumenta que a transmissão cultural é análoga à transmissão genética, com a linguagem mostrando uma capacidade evolutiva mais rápida que a própria evolução genética. O conceito de meme é, assim, considerado fundamental para compreender como os elementos culturais se espalham na sociedade contemporânea e sua relação com a comunicação mediada pelas imagens.

A metodologia se desenvolveu da seguinte forma: com base na teoria das narrativas discutidas por Silva, Santos (2022), esta pesquisa investiga as narrativas desdobradas dos memes analisados no *podcast Além do Meme*. O percurso metodológico envolveu pesquisa bibliográfica, revisão do estado da arte e a seleção de dois episódios da série, com destaque para *O menino do Bar Mitzvá* (2020), escolhidos pela relevância de seus desdobramentos e impacto cultural. A análise fundamenta-se nas reflexões de Flusser (2012) sobre a imagem técnica, entendendo o meme como tal. A partir das narrativas, observa-se como o tempo e os efeitos dos

memes moldam o contexto e a vivência dos envolvidos, restituindo aos elementos digitais uma dimensão humana e cotidiana, característica essencial das narrativas mediáticas.

No capítulo *O meme*, o conceito de meme é explorado. É apresentada a definição de meme conforme Richard Dawkins (2017), relacionando-o com a cultura da conexão (Jenkins, 2014) e discutindo como a fama involuntária decorrente da viralização de memes afeta a vida dos indivíduos.

O *meme* é um exemplo resultante de uma dinamicidade convergente das modalidades textuais para o ambiente virtual, em que “[...] já não basta mais a leitura do texto verbal escrito — é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem” (Rojo, 2010, p. 436).

No capítulo *O Meme e a imagem técnica*, foram discutidas as ideias de Vilém Flusser sobre a imagem técnica, analisando como os memes operam dentro de um contexto comunicacional. Foram abordadas a dinâmica da abstração e a intersecção entre a experiência concreta e a representação digital, enfatizando a reversão da abstração nas narrativas dos memes.

Sobre o capítulo *O Meme e as narrativas*, o olhar voltou para narrativas sobre sujeitos protagonistas de memes que permitem analisar processos mediáticos<sup>3</sup> e como a dimensionalidade zero pode ter um alto custo social. A perspectiva adotada para a ideia de narrativas neste trabalho está em consonância com o modo como Ciro Marcondes Filho define o termo. A análise focou as narrativas desdobradas dos memes, utilizando dois episódios do *podcast Além do Meme*. São examinadas as consequências sociais e emocionais da fama involuntária relatadas nas narrativas, além de como essas narrativas ampliam a compreensão do impacto dos memes na cultura contemporânea.

Já no capítulo final desta pesquisa, foi concluído que os memes, como fenômenos culturais dinâmicos, transcendem o entretenimento ao mediar experiências e ressignificá-las no contexto da cultura digital, alinhando-se às teorias de Vilém Flusser sobre imagens técnicas. As narrativas mediáticas associadas aos memes humanizam os indivíduos envolvidos e expõem transformações sociais

---

<sup>3</sup> Segundo Marcondes Filho (2014), a palavra “mídia” sofre por conta de uma construção linguística ilegítima obtida a partir da pronúncia norte-americana do termo *media*, que serve como versão empobrecedora, visto que o termo latino *medium* é linguisticamente a forma o mais correta para o termo *media*.

provocadas pela exposição nas redes. A fama involuntária resultante da viralização de memes impacta identidades, trajetórias pessoais e relações sociais, gerando consequências emocionais e culturais profundas. O conceito de "cúmulo do redimensionamento" é utilizado para descrever a amplificação e reconfiguração dos significados dos memes ao longo do tempo. As análises dos episódios do *podcast Além do Meme* evidenciam a interseção entre cultura, tecnologia e subjetividade, revelando o papel dos memes como dispositivos de mediação que mobilizam valores culturais e abordam questões sociais, políticas e artísticas contemporâneas, contribuindo não apenas para o entretenimento, mas também para o engajamento, a educação e a reflexão crítica na sociedade.

## 2. O MEME

Neste capítulo o meme será abordado, para posteriormente poder compreendê-lo como processo comunicacional, do qual se desdobram as narrativas que serão analisadas no *podcast Além do Meme*.

No universo da internet, os memes são mensagens, frequentemente com tom jocoso ou irônico, que podem estar acompanhadas de imagens ou vídeos e são amplamente compartilhadas nas redes sociais. O termo foi originalmente definido pelo zoólogo Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta* (1976), no qual descreveu os memes como "unidades de transmissão cultural ou de imitação", comparando-os aos genes por sua capacidade de reprodução e disseminação de hábitos e costumes em uma cultura.

Quando o conceito foi adaptado ao ambiente digital, especialmente às redes sociais, passou a ser entendido como uma "unidade" propagada por meio da repetição e imitação, sendo transmitida de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo. Essa evolução culminou no conceito contemporâneo de meme, que começou a ganhar força no final dos anos 1990, com iniciativas como o site *Memepool* ("piscina de memes", em tradução livre), criado por um dos fundadores do *del.icio.us*, que compilava links e conteúdos compartilhados pelos usuários da web (Ton Torres, 2016).

Já no final dos anos 2000, Jonah Peretti, cofundador do portal *Huffington Post*, lançou a página *Contagious Media* ("mídia contagiante"), em que realizava experimentos com conteúdos virais (Ton Torres, 2016). Essas iniciativas culminaram em um "festival de virais", no qual os participantes frequentemente se inspiravam no conceito de Dawkins para descrever elementos que se espalhavam rapidamente na internet.

Os memes antecedem a cultura digital, mas foi nela que encontraram um ambiente ideal para sua disseminação, graças à capacidade de propagação do meio. A facilidade com que os canais digitais permitem o compartilhamento de informações impulsiona a linguagem dos memes. Essa viralização ocorre devido a características intrínsecas ao ambiente digital: temas variados, que vão do humor a assuntos complexos como política e economia, mensagens rápidas e fáceis de entender, além da simplicidade de publicação e compartilhamento nas redes sociais.

O termo "viralização", emprestado da biologia, descreve algo que se espalha rapidamente, contagiando usuários. Para que um meme alcance essa propagação, precisa evoluir constantemente. Os memes podem adaptar-se a diversos contextos para capturar a atenção do público. A inovação é essencial para evitar que se tornem irrelevantes. Até no meio corporativo, eles são utilizados estrategicamente, com departamentos de comunicação criando conteúdos adaptados ao público-alvo.

O processo de adaptação dos memes considera a audiência digital e seus desejos momentâneos. Configuram-se como uma linguagem que busca refletir os interesses do público, sendo essencialmente lúdicos e divertidos para alcançar relevância e engajamento.

Os memes podem ter várias origens, como discursos, falas, costumes, erros em partidas de futebol, falhas jornalísticas, acontecimentos engraçados, figuras políticas e até questões econômicas. Qualquer assunto que desperte interesse em uma rede de usuários pode se tornar matéria-prima para a criação de um meme. Além disso, os formatos são diversos, abrangendo desde imagens simples, montagens grotescas, até quadrinhos. Uma característica marcante é a reutilização, já que, muitas vezes, regras como direitos autorais não são seguidas. A apropriação "indevida" e a reinterpretação de imagens de filmes, logotipos de empresas, fotografias, entre outros, são elementos essenciais na construção de um meme.

Memes são códigos importantes da cultura digital e fazem parte desse ambiente de forma intrínseca. Tentar bloquear um meme ou descreditá-lo por considerá-lo inadequado, como no caso do uso de uma imagem sem autorização, pode, na verdade, fortalecer sua circulação. O processo evolutivo e a capacidade de os memes assumirem formatos variados é o que os torna únicos, refletindo um ambiente digital em constante transformação.

A transmissão cultural é análoga à transmissão genética, no sentido de que, apesar de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução (Dawkins, 2007). Segundo o que Dawkins discute em *O Gene Egoísta*, nossa linguagem parece possuir uma capacidade evolutiva superior em velocidade se comparada à evolução genética. Tais "mutações culturais" podem ser observadas não apenas como um privilégio do homem, como comenta o autor:

A transmissão cultural não é privilégio do homem. O melhor exemplo que conheço da sua ocorrência entre os animais foi descrito recentemente por P. F. Jenkins e diz respeito ao canto de um pássaro, o *Philesturnus carunculatus*

carunculatus, que habita as ilhas da Nova Zelândia. Na ilha em que Jenkins trabalhava havia um repertório de nove canções diferentes. Cada macho cantava apenas uma ou algumas dessas canções. Os machos podiam ser classificados em grupos de dialetos. Por exemplo, um grupo de oito machos, com territórios vizinhos, emitia uma determinada canção, chamada de canção CC. Outros grupos, com outros dialetos, produziam canções diferentes. Algumas vezes, os membros de um grupo com um dialeto partilhavam mais de uma canção. Comparando as canções de pais e filhos, Jenkins mostrou que os padrões melódicos não eram herdados geneticamente. Cada jovem macho provavelmente adotava, por imitação, canções de aves dos territórios vizinhos, de forma análoga ao que se passa com a linguagem humana. (Dawkins, 2007, p. 326)

Dawkins (2007) fala sobre a possibilidade de se estudar as mutações culturais em comunidades humanas. É na espécie humana que as mutações culturais se tornam mais evidentes e podem ser profundamente analisadas. Essas mutações se manifestam em diversas áreas, como a linguagem, a arte, a arquitetura, as cerimônias, os costumes, a moda e a engenharia, entre outras formas de expressão cultural. Cada um desses exemplos reflete transformações que se propagam e evoluem ao longo do tempo, moldando a sociedade. Dawkins utiliza o gene em sua teoria como uma analogia, destacando que sua principal função é ser um replicador, ou seja, algo capaz de copiar e transmitir informações. Da mesma forma, os elementos culturais se replicam, modificando-se e adaptando-se a diferentes contextos, o que evidencia sua natureza dinâmica e evolutiva.

Será que temos de viajar até mundos distantes para encontrar outros tipos de replicador e, em consequência, outros tipos de evolução? Penso que um novo tipo de replicador surgiu recentemente neste mesmo planeta. Está bem diante de nós. Está ainda na sua infância, flutuando ao sabor da corrente no seu caldo primordial, porém já está alcançando uma mudança evolutiva a uma velocidade de deixar o velho gene, ofegante, muito para trás. O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como "gene". Espero que meus amigos classicistas me perdoem por abreviar mimeme para "*meme*". Se isso servir de consolo, podemos pensar, alternativamente, que a palavra "meme" guarda relação com "memória" [...] (Dawkins, 2007, p. 330).

Dawkins discute sobre qualidades que determinam um grau elevado de sobrevivência entre os memes, conceitos que serão desenvolvidos no decorrer desta dissertação. No que diz respeito a essa mutação cultural, a linguagem tem uma importância fundamental, e as metáforas usadas para descrever os padrões vistos formatam a maneira de entender o mundo. O meme existe em meio a forma como a mídia é

enxergada nos dias de hoje, algo que Jenkins, Green e Ford (2014), chamam de cultura da conexão.

Quando analisamos a circulação, vemos como são criados valor e significado nas múltiplas economias que constituem o panorama da mídia que vêm se configurando. Nossa mensagem é simples e direta: se algo não se propaga, está morto (Jenkins, 2014, p.23).

Nessa cultura, o público se faz presente ao modelar ativamente os fluxos de mídia, os produtores de conteúdos precisam estar abertos para a ideia de suas obras serem compartilhadas e remixadas, ou seja, devem acordar para a necessidade de responder a isso de maneira ativa.

Existem conteúdos que revelam práticas de propagação; a necessidade do que Jenkins chama de "aderência" se refere a criar um conteúdo que chame a atenção da audiência, afinal, é o material que as pessoas querem propagar.

Dentro deste conceito, existe um termo utilizado pelos autores, a propagabilidade, que se refere à mídia que se espalha, também conhecida como viral, deixando claro que não gostam da ideia que o viral traz, pois remete a vírus, como alguém infectado que transmite algo sem intenção.

A metáfora viral não descreve bem aquelas situações em que a pessoa avalia ativamente um texto na mídia, decidindo com quem irá compartilhá-lo e como irá difundi-lo. As pessoas tomam decisões ativas quando propagam mídia, quer simplesmente passando um conteúdo adiante para suas redes sociais, com recomendações no boca a boca, quer postando um vídeo digital no YouTube (Jenkins, 2014, p. 45).

Portanto, é quando existe um impacto que causa ações conscientes que replicam algo que estamos falando de mídia propagável. Quando pensamos em transmitir, precisamos saber sobre o conteúdo intangível que nos cerca na internet, sendo relevante para vários públicos e disponível para circulação da mídia. Atualmente, a cultura do público de ser apenas consumidor está sendo quebrada, ele se vê no papel de participar, discutir, interagir, criticar, e principalmente espalhar aquilo que recebe. Então o papel de uma marca, empresa ou produtor de conteúdo é entender que seu público quer fazer parte daquilo que está acontecendo. Isto inclui não só compartilhar, mas "copiar", o que resulta na pirataria feita pelos admiradores e fãs dos conteúdos, que aos olhos de Jenkins são trabalhadores engajados em vez de ladrões de conteúdo, afirmando que estes exercem um papel importante na

divulgação e propagação, sendo em sua minoria remunerados em fazê-lo, formando a nova era nas relações produtor-consumidor e na cultura participativa.

As empresas que dizem ao público que tirem as mãos da propriedade intelectual de uma marca estão se distanciando desses processos, muitos dos quais poderiam criar e prolongar o valor dos textos midiáticos. As indústrias de mídia compreendem que a cultura está se tornando mais participativa, que as regras estão sendo reescritas e que os relacionamentos entre produtores e seus públicos estão em fluxo (Jenkins, 2014, p. 63).

Para auxiliar na compreensão dos memes, realizou-se uma pesquisa de estado da arte. Dentre os trabalhos encontrados, cabe destacar o projeto de Rocha e Veloso (2020), que foca a relação entre memes na internet e as teorias de Vilém Flusser sobre imagens técnicas na Pós-Modernidade. Eles exploram como os memes se encaixam nesse contexto, utilizando uma abordagem baseada em pesquisa bibliográfica. O texto apresenta a natureza dos memes como elementos culturais que se espalham viralmente na internet, enquadrando-os como parte da linguagem da comunicação Pós-Moderna. Ele explora a evolução dos memes desde sua origem até sua disseminação on-line, conectando essas ideias aos conceitos de "tecnoimagens" de Flusser e às teorias de replicação cultural de Dawkins e Blackmore.

Destaca-se a influência dos memes na cultura participativa e na propagação do humor na sociedade contemporânea, evidenciando sua transformação em formas simbólicas de expressão e ferramentas de comunicação. Os objetivos do artigo incluem explorar essa relação entre memes e as teorias de Flusser, discutir sua evolução e impacto na sociedade moderna, além de relacioná-los aos estudos de replicação cultural de Dawkins e Blackmore. O corpus do artigo examina essa relação, destacando a importância dos memes na cultura digital atual e sua conexão com a comunicação mediada por imagens na web, conforme proposto por Flusser.

A metodologia utilizada consiste em analisar a interseção entre memes e as teorias de Flusser, relacionando-os à replicação cultural e à cultura participativa na era digital. Conclui-se que os memes desempenham um papel significativo como formas de comunicação e expressão na sociedade contemporânea, refletindo a cultura das imagens técnicas na Pós-Modernidade.

No trabalho de Maia e Escalante (2014), que também aborda a análise dos memes à luz do conceito flusseriano de "imagem técnica", se reconhece que os memes são produtos de entretenimento que envolvem criatividade, humor e crítica, e procura explorar como esses aspectos se relacionam com essa teoria, destacando a

imbricação de criatividade e sociabilidade na produção e consumo dessas imagens técnicas. O projeto pesquisa a interação entre memes e imagens técnicas, explorando sua natureza como produtos de entretenimento criativos e humorísticos que se espalham rapidamente nas redes sociais. A análise examina definições de memes de autores como Richard Dawkins e Daniel Dennett, enfatizando características como propagação, imitação e viralização. Além disso, explora como a sociabilidade e criatividade influenciam na disseminação dos memes, relacionando-os à ideia de performance e imitação. A pesquisa também compara a transformação e propagação dos memes ao processo evolutivo de vírus, destacando a importância do contexto sociocultural em sua replicação. Em suma, o projeto investiga a criação, compartilhamento e consumo de memes como elementos de entretenimento, contribuindo para a compreensão da cultura digital e sua relação com a comunicação contemporânea. O corpus do documento aborda a origem, disseminação e influência dos memes na cultura digital e na comunicação contemporânea. A metodologia utilizada envolve a análise das categorias de Criatividade e Sociabilidade, explorando sua relação com imagens técnicas na construção, compartilhamento e consumo de memes. A Criatividade é examinada através da intervenção dos usuários nos produtos, como mixagens, paródias e *mashups*, enquanto a Sociabilidade é relacionada à noção de imitação. O documento conclui que os memes são elementos altamente mutáveis, que refletem a imitação e a performance, destacando sua criatividade, humor e rápida circulação nas redes sociais, influenciando a comunicação contemporânea e refletindo a importância das imagens técnicas nesse contexto. Esta pesquisa irá contribuir para a discussão visando ampliá-la, abordando não apenas as teorias de Flusser, mas também explorando as implicações práticas dos memes na sociedade contemporânea, por meio de narrativas envolvendo memes. Ampliar a discussão permitirá entender o papel dos memes na sociedade imagética característica da Pós-Modernidade. Focar as narrativas que se desdobram dos memes e sua influência complementa e enriquece a discussão sobre eles e a comunicação na era digital.

Procurou-se focar a relação entre as narrativas desdobradas dos memes e as teorias de Vilém Flusser sobre imagens técnicas. Através de pesquisa bibliográfica, explora-se como essas narrativas se encaixam no contexto desta pesquisa, desta forma, buscou-se compreender o meme para depois discutir suas narrativas.

Explorou-se também a origem<sup>4</sup> do termo e como se configura sua disseminação online, conectando-os aos conceitos de "tecnoimagens" de Flusser (2012). Mais adiante as discussões de Flusser sobre as tecnoimagens e a escalada da abstração serão aprofundadas.

Criadas por aparelhos tecnológicos, como câmeras, televisores e computadores, essas ilustrações se destacam por seu caráter programado e programável, sendo resultados de processos mecânicos que obedecem a configurações específicas, em vez de expressões diretas de uma visão humana. Além disso, a facilidade de reprodução e distribuição das imagens técnicas as torna parte de uma cultura de massa global, ampliando sua influência social. Diferentemente das figuras tradicionais que representam o mundo, e aqui refere-se a imagens construídas manualmente, as imagens técnicas contêm informações abstraídas e organizadas segundo critérios técnicos, criando uma nova camada de realidade, na qual a imagem é uma interpretação programada e manipulada do acontecimento. Assim, Flusser observa que as imagens técnicas modificam profundamente a relação com a verdade e a autenticidade, transformando a maneira de percepção e interação com o mundo na era digital.

Uma imagem como a apresentada a seguir, dado seus elementos e forma como foram organizados, sugere uma edição digital em sua composição original:

---

<sup>4</sup> Aqui fala-se de origem, no que diz respeito ao princípio de casos específicos, ou seja, como uma narrativa veio a se tornar o que é chamado de meme. Dentre as pesquisas foi possível encontrar o começo do termo meme, cunhado por Richard Dawkins, porém, possivelmente esse comportamento de copiar, remixar, criar etc. é algo muito mais antigo, que ganhou forças na Pós-Modernidade com as novas tecnologias e o surgimento das imagens técnicas.

Figura 1 — Meme com o quadro "A Última Ceia" de Leonardo da Vinci



Fonte: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-meme/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Nessa imagem, observa-se uma representação de uma chamada de vídeo, elemento visual comum na atualidade. A configuração inclui uma tela principal na qual a pessoa que fala está em evidência, geralmente com sua figura ampliada ou destacada no centro. Ao redor, em menores proporções, aparecem os outros participantes da chamada, organizados em pequenos quadrados ou retângulos, cada um exibindo sua câmera ou uma indicação de ausência, como iniciais ou avatares. Um detalhe que reforça a ambientação típica dessas videochamadas é a presença de uma pergunta frequente nesse contexto: "Estão todos com som?".

Escolheu-se essa imagem como exemplo de "tecnoimagem", que também se configura como um meme. Esse tipo de ilustração tem um caráter programado: sua composição visual, com quadros, textos e ícones interativos é sustentada por códigos organizados em pixels, processados pelo dispositivo que a exibe. Assim, há um complexo processo técnico por trás de sua criação e compartilhamento no meio digital. Esse procedimento, embora essencial, muitas vezes passa despercebido; ao editar ou criar desenhos como esse, o autor não precisa compreender os códigos que o sistema utiliza para materializar suas escolhas visuais.

A figura 1 representa uma ideia, um mundo de quem a criou, que uniu suas vivências com as chamadas em vídeo e os conhecimentos que possuía das pinturas

de Leonardo da Vinci. Uma pergunta poderá surgir: onde está o meme? Dentro dos estudos da memética<sup>5</sup> Dawkins (2007) reflete sobre como ideias e cultura se propagam na sociedade de forma similar aos genes humanos. Derivado da palavra grega mimeme (imitação), o conceito de meme sugere que pequenas unidades culturais são transmitidas de pessoa para pessoa por meio de cópias e imitações, refletindo percepções gerais da sociedade. Enquanto os genes determinam características físicas, os memes preservam os aspectos culturais da convivência humana, reproduzindo-se e proliferando-se por meio da imitação.

Ainda assim, isso não é suficiente para explicar a circulação deles na sociedade contemporânea. A definição de Dawkins não atende a abrangência que o meme possui atualmente. É fundamental compreender como os sujeitos se relacionam com os processos comunicacionais contemporâneos e com a teia de significados que emergem a partir das linguagens digitais (Calixto, 2019).

Pode-se olhar para o meme como um fenômeno comunicacional. A forma como os usuários montam seus memes atendem necessidades comunicativas dentro da atual trama cultural: são formas que os usuários da língua usam para construir relações, de acordo com os contextos e necessidades de operar a linguagem. Ainda segundo Calixto (2019), é possível definir o meme como gênero discursivo, visto que os gêneros surgem em razão das necessidades comunicativas dos indivíduos dentro da vida social.

Os memes refletem as necessidades comunicativas do contexto histórico-social em que estão inseridos, a sociedade contemporânea. Essa sociedade é fortemente influenciada pela comunicação descentralizada, pelas dinâmicas dos mercados de consumo e pelo uso intensivo das redes digitais (Calixto, 2019). As transformações econômicas e sociais, aliadas às inovações tecnológicas, possibilitaram a produção material e imaterial que sustenta a circulação de memes em plataformas como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*.

---

<sup>5</sup> De forma resumida, o conceito de memética refere-se a estudiosos que se baseiam na obra de Dawkins para explorar os atributos gerais da circulação de memes na sociedade. Entre esses atributos destacam-se as categorias de longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia. Em linhas gerais, os estudos de memética sugerem que as percepções culturais que se disseminam na sociedade são moldadas pela seleção natural, ou seja, apenas aquelas capazes de se adaptar às condições e evoluir conseguem prevalecer. Esse conceito estabelece uma analogia com o funcionamento dos genes humanos e, a partir de diferentes abordagens teóricas, busca entender por que certas ideias e preferências se propagam de pessoa para pessoa, de forma semelhante a um vírus.

As redes e os sistemas de informação foram desenvolvidos em alinhamento com a expansão do capital. Assim, o sucesso dos memes não é aleatório, mas resultado de uma nova forma de produzir e comunicar, moldada pelo ritmo acelerado e dinâmico dos mercados contemporâneos. Os memes destacam-se como uma das principais expressões narrativas desse cenário: com montagens simples e uma estética amadora, eles criam significados de forma rápida e efêmera. Sem a necessidade de alta qualidade estética ou preocupações com repercussão visual, eles utilizam textos e imagens em montagens interdiscursivas, fazendo referência a situações cotidianas (Calixto, 2019).

A partir da investigação de campo e da análise sobre as categorias de cotidiano, afetos e zoeira, elaboramos a definição do gênero meme: em termos de tipologia textual, memes relatam situações, fatos e expressões a partir de montagens e jogos de linguagem construídos nas redes sociais. Com referências intertextuais e interdiscursivas aos produtos midiáticos que circulam no ciberespaço, os memes são narrativas que materializam — em micronarrativas — os enunciados formados por composições visuais-verbais, cuja finalidade é a interação com os pares. Nesse sentido, com personagens reais (como celebridades e atletas profissionais) ou imaginários (como animais de estimação que dialogam com humanos), os memes ocorrem de acordo com as cadeias comunicativas que os usuários da internet buscam ativar (Calixto, 2019, p. 150).

Ainda se destaca o papel dos memes na cultura participativa, na propagação do humor e na sua transformação em ferramentas de expressão e comunicação. Essa produção de conteúdos na web cresce exponencialmente e envolve elementos como a cultura participativa, a inteligência coletiva e a convergência digital. Na cultura participativa (Jenkins, 2009, p.30), o usuário se torna também um produtor. Isso se torna possível pois com a adesão da mídia digital, internet e redes sociais, o espaço privado foi sendo quebrado, reduzindo cada vez mais a distância entre produtores e consumidores.

Quanto à inteligência coletiva ou compartilhada, ela se estabelece com a colaboração de inúmeros indivíduos em suas diversidades, inteligência na qual o conhecimento é compartilhado entre a humanidade; ninguém sabe de tudo, mas todo mundo sabe algo. Para Jenkins (2009, pp. 30, 57), essa inteligência pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático e refere-se à capacidade das comunidades virtuais alavancarem as especialidades combinadas de seus membros. As transformações que ocorrem aos memes conforme se espalham pelas redes são intensificadas por estarem em meio a esse coletivo que agrega semanticamente seu

potencial a uma soma total de informações retidas individualmente pelos membros do grupo e que podem ser facilmente acessadas pelo uso de uma pergunta ou um termo específico.

A convergência digital envolve a integração de mídias diferentes que convergem para criar um ambiente único e próprio, possibilitando o desenvolvimento de uma cultura da convergência. Para Jenkins (2009, p. 29), a cultura seria esse fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, no qual estão presentes a participação, a cooperação de múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório do público, envolvendo, portanto, as transformações tecnológicas, culturais e sociais.

A forma como o meme existe nesse meio e se manifesta é algo típico da era digital; mesmo que pareçam apenas piadas bem contadas, sua comicidade crítica é capaz de gerar grande poder de mobilização e articulação nas redes digitais. Na era digital, os memes se consolidam como um gênero discursivo midiático peculiar, amplamente difundido e consumido pelas redes sociais. Essa proliferação forma um traço marcante da contemporaneidade. Através da linguagem memética, os internautas não apenas se informam sobre o mundo, mas também expressam suas opiniões e perspectivas sobre os acontecimentos do dia a dia.

Para a compreensão do que é um meme, é importante entender que o cerne da questão não está na condição que eles carregam, mas no modo como se propagam. Como visto, Dawkins define o meme como a unidade básica da cultura, responsável pela replicação e transmissão de ideias, comportamentos e valores entre indivíduos. Sendo um defensor da perspectiva darwinista, traça um paralelo intrigante entre a genética e a cultura. Assim como os genes transmitem características hereditárias, os memes propagam unidades culturais por meio da imitação e da reprodução. Essa replicação, no entanto, não é perfeita, e os memes podem sofrer mutações, dando origem a novas ideias e costumes.

Dawkins ainda enfatiza três propriedades pelas quais o meme se caracteriza: a *fidelidade*, sendo a capacidade de replicar de forma idêntica, se trata da precisão com que o meme é disseminado durante sua propagação. Para que seja reconhecido em diferentes contextos, a ideia central ou o formato básico precisa ser preservado, mesmo que sofra pequenas variações ou adaptações, pois uma cópia fiel irá garantir que o público continue identificando e compreendendo o meme. Pode-se citar como exemplo o meme *Distracted Boyfriend*, que mantém sua essência, apresentando uma

pessoa se distraíndo com algo novo e ignorando o que já tem, mesmo quando os personagens ou legendas são modificados.

Figura 2 — Meme “Distracted”



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/121375-onde-surgiu-meme-namorado-distraido.htm>. Acesso em: 18 dez. 2024.

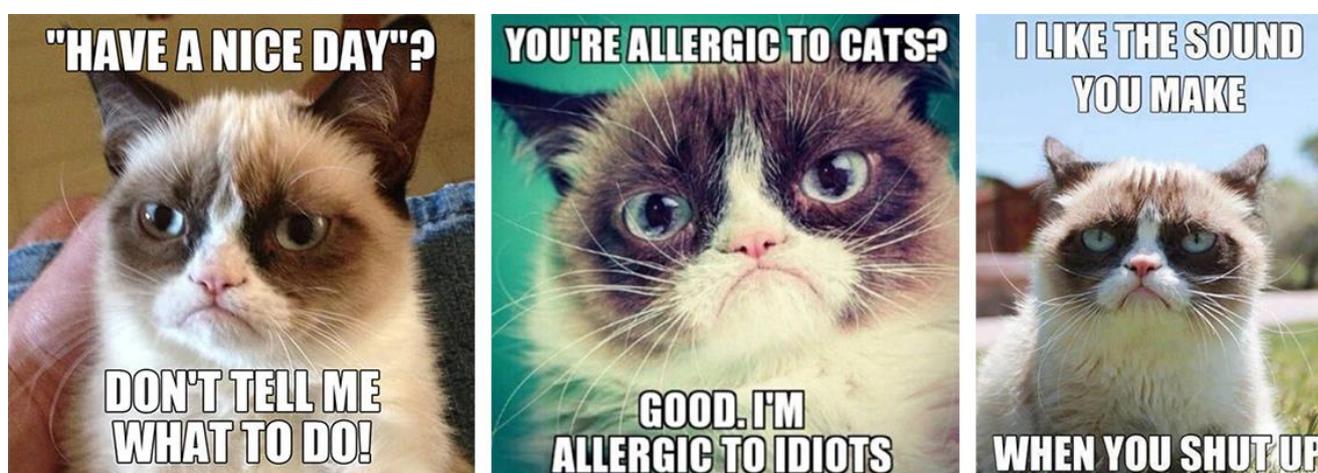
Figura 3 — Meme “Distracted”



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/121375-onde-surgiu-meme-namorado-distraido.htm>. Acesso em: 18 dez. 2024.

A *fecundidade* é sua capacidade de gerar réplicas de si mesmo. Refere-se à habilidade do meme de se replicar rapidamente e alcançar um grande número de pessoas. Um meme com alta fecundidade é aquele que se torna viral, sendo amplamente compartilhado em pouco tempo. Sua simplicidade, humor ou apelo emocional contribuem para que ele seja reproduzido e reinterpretado. Pode-se citar o meme do *Grumpy Cat* como exemplo, já que viralizou porque sua expressão cômica e frases associadas eram fáceis de entender e compartilhar, rapidamente se espalhando globalmente.

Figura 4 — Meme "Grumpy"



Fonte: <https://itpetblog.com.br/grumpy-cat/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Por fim, a *longevidade*, sua capacidade de perdurar no tempo, diz respeito à capacidade do meme permanecer no imaginário coletivo ou em circulação ao longo do tempo. Um meme que possui longevidade é aquele que continua relevante, mesmo quando outros desaparecem rapidamente. Isso não significa que ele permaneça inalterado, ele pode evoluir, mas sua essência original persiste. Alguns clássicos como *Keep Calm and Carry On* ainda são usados, mesmo décadas após sua origem, porque a ideia central (calma e resiliência) continua ressoando.

Figura 5 — Meme "Keep Calm and Carry On"



Fonte: <https://nl.pinterest.com/pin/488499890840256773/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Segundo Dawkins (2007) os memes, assim como os seres vivos, estão sujeitos à seleção natural. Aqueles que se mostram mais aptos à replicação e à disseminação, tanto por serem mais engraçados, impactantes ou relevantes, tendem a persistir e se propagar, enquanto outros caem no esquecimento. Essa seleção, impulsionada pela interação social e pelas preferências individuais, molda a cultura ao longo do tempo.

Tal como os genes se propagam no pool gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no pool de memes, saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação (Dawkins, 2007, p. 330).

No universo dos memes, impera a lei da selva. Em sua visão, esses elementos culturais travam uma batalha incessante pela atenção e uso dos indivíduos, lutando pela própria sobrevivência. Essa disputa feroz é a razão pela qual os classifica como

"egoístas". Para o biólogo, a replicação dos memes se dá de forma autônoma e cega<sup>6</sup>, movida por um instinto básico de autopreservação. Seu único objetivo é se propagar, replicar e sobreviver em um mundo onde a atenção é um recurso escasso. Essa perpetuação ocorre tanto por meio de cópias idênticas quanto por recombinação e ressignificação. Um aspecto comentado é a mutabilidade intrínseca dos memes, que seria essa capacidade de se adaptar e se transformar, através da cópia com diferenciação, que permite a variabilidade memética e a constante evolução cultural. Novas ideias surgem a partir da mutação e da combinação de memes preexistentes, impulsionando a criatividade e a inovação. Pode-se observar nas imagens seguintes novas ideias e mutações provenientes da imagem/meme original (Figura 6).

Figura 6 — Meme "Doge" original



Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/06/16/doge-e-vendido-por-20-milhoes-e-se-torna-o-meme-mais-carro-da-historia.htm>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/06/16/doge-e-vendido-por-20-milhoes-e-se-torna-o-meme-mais-carro-da-historia.htm>

---

<sup>6</sup> Embora Dawkins pense nessa replicação de forma autônoma e cega, Jenkins explica que metáforas como as virais não descrevem bem aquelas situações em que a pessoa avalia ativamente um texto na mídia, decidindo com quem irá compartilhá-lo e como o difundirá. Segundo ele, as pessoas tomam decisões ativas quando propagam a mídia.

Figura 7 — Releitura do meme "Doge"



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/324892560622125092/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Figura 8 — Releitura do meme "Doge"



Fonte: <https://www.redbubble.com/i/ipad-case/Elon-Musk-Holding-Doge-MEME-by-Keles/88047052.MNKGF>. Acesso em: 18 dez. 2024.

No universo digital, os memes se distinguem por sua natureza mutável e aberta. Em constante processo de transformação e reformulação, eles se configuram como mensagens em constante construção, jamais completas. Essa fluidez permite que sejam apropriados, reinterpretados, remixados e contextualizados de infinitas maneiras, tornando-os um patrimônio cultural de propriedade coletiva. Nesse contexto, a figura do "criador" ou "autor" se torna nebulosa. As fronteiras entre produção e consumo se dissolvem, dando lugar a uma cultura participativa, na qual cada indivíduo contribui para a evolução do meme. Essa característica os torna ainda mais poderosos e relevantes, pois refletem a multiplicidade de vozes e perspectivas presentes na sociedade.

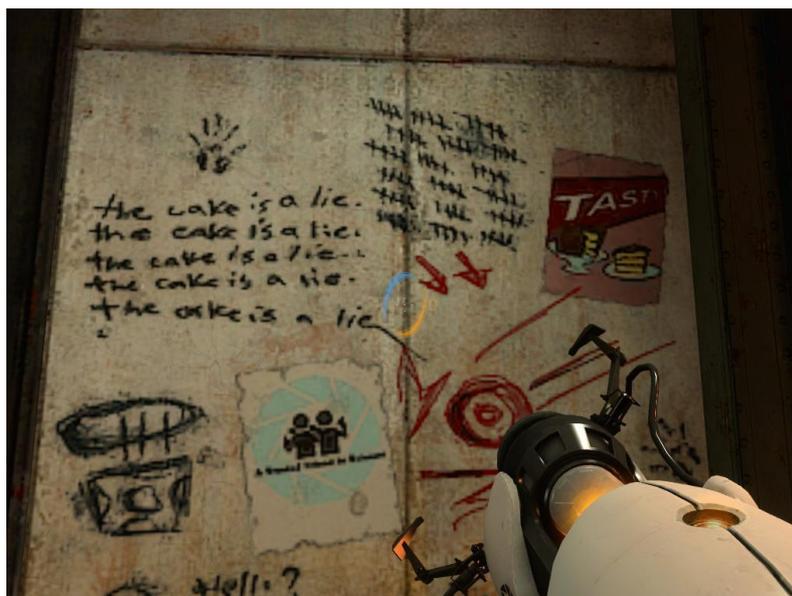
Para compreender o comportamento dos memes e entender quais têm mais chances de sobrevivência na batalha pela atenção dos indivíduos, Blackmore (1999) assume a memética como uma perspectiva orientada pelos próprios memes. Se a mente humana é o recurso disputado, ela é o ambiente no qual os memes devem procurar se adaptar. Shifman (2014, pp. 37-38) argumenta que a memética se desenvolveu de três formas, levando-a para três linhas distintas. A memética orientada por um viés mentalista, que está bem próxima da definição que Dawkins procura dar, ao entendê-los como ideias (representações, projetos), textos (piadas, lendas), ou práticas (rituais, manifestações populares). Segundo essa perspectiva os memes podem assumir diferentes veículos, e os veículos se referem a toda plataforma e aparato pelo qual o meme pode ser compartilhado, pois se configuram em instâncias virtuais.

Os memes, orientados por uma perspectiva mentalista, podem ser entendidos como ideias, textos ou práticas que assumem diferentes veículos de compartilhamento, demonstrando sua versatilidade cultural e comunicacional. Um exemplo clássico é o *Keep Calm and Carry On* (Figura 5), originalmente criado como um pôster motivacional britânico durante a Segunda Guerra Mundial. Esse conceito foi reaplicado em diversos contextos contemporâneos, com variações como *Keep Calm and Study Hard* ou *Keep Calm and Drink Coffee*. Compartilhado amplamente em plataformas como Facebook e Instagram, além de produtos físicos como canecas e camisetas, ele representa a replicação de uma ideia em múltiplos cenários e formatos.

Outro exemplo são os memes que se apresentam como textos, incluindo piadas e lendas urbanas. *The Cake is a Lie* (figura 9), uma frase originada do jogo

*Portal*, ilustra essa categoria ao simbolizar situações em que algo prometido nunca é entregue. Essa expressão ganhou popularidade em fóruns como *Reddit* e foi bastante disseminada por meio de *GIFs* e vídeos no *YouTube*, adaptando-se a diferentes contextos do cotidiano e reforçando o papel do texto como unidade memética.

Figura 9 — Meme "The cake is a lie"



Fonte: <https://www.gameblast.com.br/2013/04/em-portal-o-bolo-e-realmente-uma.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Há também os memes que se manifestam como práticas, rituais ou performances, como no caso do *Ice Bucket Challenge* (figura 10), um desafio que buscava conscientizar sobre a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA). Pessoas ao redor do mundo gravavam vídeos jogando baldes de água gelada sobre si mesmas, criando uma conexão entre uma prática física e o espaço virtual. Publicados em plataformas como *YouTube* e *Facebook*, esses vídeos tornaram-se um ritual compartilhado globalmente, evidenciando a capacidade dos memes de transcender o espaço digital.

Figura 10 — Meme “Ice bucket challenge”



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2014/08/Entenda-o-Ice-Bucket-Challenge-desafio-que-transforma-banhos-gelados-em-solidariedade-4578582.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Por fim, existem os memes multimodais, que integram linguagens verbais e visuais. Um exemplo emblemático é o meme *Distracted Boyfriend* (figura 2), que utiliza uma imagem estática de um homem olhando para outra mulher enquanto sua namorada o observa irritada. Essa composição, enriquecida com legendas personalizadas, é amplamente compartilhada em redes como X (antigo *Twitter*), *Instagram* e *Tumblr*, permitindo a comunicação de ideias complexas de forma simples e acessível. Esses exemplos demonstram como os memes podem adotar diversas formas e veículos, adaptando-se às especificidades dos meios digitais enquanto refletem práticas culturais mais amplas.

Na segunda linha, a memética orientada por um viés comportamentalista, os memes são entendidos como ações, comportamentos ou artefatos, sendo dependentes dos meios para existir, e os comportamentos são passados adiante por meio desses veículos de memes, mas que são também os memes em si.

Um exemplo que fundamenta a memética sob um viés comportamentalista é o meme da *Dança do Harlem Shake* (2013) de Baauer, no qual uma pessoa inicia uma dança sozinha ao som da música e no corte seguinte, um grupo inteiro aparece dançando freneticamente.

Esse meme se encaixa nessa abordagem porque sua essência está no comportamento replicável, a dança e o formato do vídeo, sendo dependente dos

meios digitais para existir e espalhar. Plataformas como *YouTube* e redes sociais foram fundamentais para sua viralização, pois possibilitaram a repetição do padrão, consolidando a estrutura do meme. Além disso, ele exemplifica como os meios de propagação não apenas o transmitem, mas também fazem parte dele, já que a coreografia, o formato do vídeo e sua reprodução por diferentes grupos tornam-se simultaneamente veículos e a própria manifestação do meme.

A terceira linha, a memética inclusiva, admite os memes como qualquer peça informacional copiada por processos imitativos, sendo uma linha que acaba por ser muito abrangente, comprometendo de certa forma a precisão epistemológica do objeto.

A memética inclusiva, conforme proposta por Limor Shifman (2014), oferece uma abordagem mais ampla e integrada para o estudo dos memes, superando as limitações da visão estritamente evolucionista de Richard Dawkins. Enquanto a memética tradicional foca a replicação e sobrevivência dos memes, a perspectiva inclusiva abrange também os contextos sociais, culturais e tecnológicos que moldam sua criação e disseminação. Esse enfoque reconhece que os memes são fenômenos dinâmicos e multifacetados, profundamente enraizados nas práticas humanas.

Uma das principais características da memética inclusiva é a integração de diferentes abordagens, como a biológica, a cultural e a tecnológica. Nesse sentido, os memes não são vistos apenas como "genes culturais" que se replicam, mas também como expressões criativas que refletem os valores e as práticas da sociedade. Por exemplo, o meme *Woman Yelling at a Cat* (a mulher gritando com o gato na mesa) transcende sua origem como um *frame* de uma série de televisão, tornando-se um modelo para humor e crítica social, com adaptações que refletem questões cotidianas e culturais.

Figura 11 — Meme "Woman yelling at a cat"



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Woman\\_yelling\\_at\\_a\\_cat](https://en.wikipedia.org/wiki/Woman_yelling_at_a_cat). Acesso em: 18 dez. 2024.

A criatividade e a adaptabilidade dos memes também são centrais nessa abordagem. A memética inclusiva reconhece que os memes não apenas se replicam de forma estática, mas são transformados, ressignificados e recriados constantemente por indivíduos e comunidades. Além disso, a tecnologia digital desempenha um papel fundamental na memética inclusiva. Plataformas como *TikTok*, *Instagram* e *X* (antigo *Twitter*) não apenas facilitam a circulação de memes, mas também influenciam sua forma e conteúdo. O formato de vídeo curto, como os *challenges* no *TikTok*, exemplifica como os memes se moldam às características técnicas e sociais das plataformas, promovendo interação e viralidade. Dessa forma a memética inclusiva também considera o impacto social e político dos memes, vendo-os como instrumentos de engajamento e transformação social. Por exemplo, durante movimentos como o *Black Lives Matter* (vidas negras importam), memes foram usados para sensibilizar o público, divulgar informações e mobilizar ações, mostrando como podem influenciar questões relevantes na sociedade. Na figura 12 vê-se uma notícia publicada pela CNN dos Estados Unidos dizendo o seguinte: “Um garoto de 8 anos organiza marcha de crianças para o *Black Lives Matter*, centenas aparecem”, seguido de uma cena do filme “Homem-Aranha no Aranhaverso” (2018) com a fala de Peter: “Nada mal, garoto”.

Figura 12 — Meme sobre o movimento “Black Lives Matter”



Fonte: [https://www.reddit.com/r/memes/comments/hk6q92/black\\_lives\\_matter/](https://www.reddit.com/r/memes/comments/hk6q92/black_lives_matter/).  
Acesso em: 18 dez. 2024.

A abordagem inclusiva de Shifman (2014), portanto, não apenas amplia a compreensão sobre os memes, mas também reforça seu papel como elementos dinâmicos e essenciais na cultura contemporânea, conectando tecnologia, criatividade e discurso social.

Essas três correntes mencionadas ajudam a situar o desenvolvimento da memética, remontando aos esforços de muitos pesquisadores que não estavam necessariamente preocupados em criar um neologismo. Embora a memética deva a Dawkins pela sua concepção contemporânea e pelo neologismo, os memes habitam nossa realidade desde antes da internet e das mídias digitais, como ferramenta conceitual. Perspectivas semelhantes remontam a estudos de muitas décadas antes, que se entrelaçam em grande parte com as preocupações dos memeticistas.

Os memes habitam a realidade por meio da transmissão de ideias, comportamentos, tradições e símbolos culturais. Esses elementos são passados de pessoa para pessoa por meio da comunicação e da imitação, moldando práticas e expressões que permanecem vivas no imaginário coletivo.

Um exemplo clássico de memes pré-digitais são os provérbios e ditados populares, como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” ou “em casa de ferreiro, espeto de pau”. Esses fragmentos, transmitidos oralmente ao longo das gerações, funcionam como veículos de valores e ensinamentos, adaptando-se aos contextos culturais de diferentes épocas. Da mesma forma, canções e brincadeiras infantis, como “Atirei o pau no gato” ou “Ciranda, cirandinha”, exemplificam como práticas culturais podem ser replicadas e transformadas sem a necessidade de mídia formal, perpetuando-se de criança para criança.

Gestos e padrões de moda também são exemplos de memes culturais anteriores à era digital. Práticas simbólicas, como o aperto de mão, se disseminaram globalmente e se adaptaram às normas de diversas culturas. Tendências de moda, como o uso de chapéus em determinados períodos históricos, também funcionaram como memes visuais, comunicando status ou pertencimento a grupos sociais.

Além disso, histórias e lendas urbanas desempenharam um papel significativo na replicação de narrativas culturais. Figuras folclóricas como o Saci Pererê, no Brasil, ou Robin Hood, na Inglaterra, são exemplos de memes narrativos que atravessaram gerações. Essas histórias, adaptadas para se encaixarem no imaginário de diferentes épocas, contribuíram para formar identidades culturais e tradições regionais.

Por fim, símbolos religiosos e políticos também podem ser considerados memes pré-digitais. A cruz no cristianismo e a foice e martelo no comunismo são exemplos de memes visuais que carregam significados profundos, transmitidos ao longo de séculos (Garcia, 2024). Esses símbolos são poderosos exemplos de como ideias complexas podem ser condensadas em representações simples, com grande capacidade de replicação e adesão.

Esses exemplos ilustram como os memes sempre fizeram parte da experiência humana, compartilhando as propriedades identificadas por Richard Dawkins, como longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia. A internet acelerou e ampliou o alcance dos memes, permitindo sua replicação instantânea em escala global.

O meme está presente em uma era de mídia propagável, que é bem delineada em *Cultura da Conexão* (Jenkins; Green, Ford, 2014), no qual se discute o mundo da mídia propagável, deixando para trás a era da mídia tradicional. Para os autores, a lei é clara: "aquilo que não se propaga, morre". Os autores buscam transformar e reformular a visão da mídia na era digital, revelando os segredos da cultura da conexão. Nesse ponto surge a palavra propagabilidade, expressão central na obra,

que define a mídia que se espalha, popularmente conhecida como "viral". No entanto, rejeitam a conotação negativa associada ao termo "viral", que remete à ideia de vírus e à transmissão involuntária de algo.

A propagabilidade vai além do mero compartilhamento passivo. Ela envolve a avaliação consciente do conteúdo pelo indivíduo, que decide com quem e como irá compartilhá-lo. Essa ação consciente, seja através do compartilhamento em redes sociais, do boca a boca ou da publicação de vídeos on-line, gera um impacto que impulsiona a propagação da mídia. A mera transmissão de conteúdo se transforma em algo muito mais profundo. Para navegar nesse mar de possibilidades, é crucial compreender a natureza intangível do conteúdo e as engrenagens que impulsionam sua circulação e propagação.

Os indivíduos assumem um papel ativo na produção e propagação do conteúdo. Eles não se contentam em simplesmente consumir; eles querem participar, discutir, interagir, criticar e, principalmente, compartilhar aquilo que os cativa. Essa mudança de paradigma exige que marcas, empresas e produtores de conteúdo repensem suas estratégias, reconhecendo o desejo do público de se sentir parte da experiência.

Alguns elementos têm o poder de intensificar essa divulgação, como a nostalgia que age como impulsionadora do valor propagável do conteúdo. Ao revisitar e ressignificar elementos do passado, é possível dar nova vida a algo que já foi considerado ultrapassado, ressignificando o valor do conteúdo. O engajamento se torna a métrica fundamental na era da cultura participativa. Os modelos tradicionais de mensuração de audiência, baseados em números e estatísticas frias, não refletem a complexa relação entre público e conteúdo. Dentro dessa cultura o público busca participar ativamente da produção e propagação do conteúdo. A linha que separa consumidores e produtores se torna cada vez mais tênue. O público não se limita a consumir passivamente; ele se torna um cocriador, contribuindo para a construção e o aprimoramento do conteúdo.

O próximo capítulo tratará as discussões de Flusser sobre as imagens técnicas, que serão de ajuda para compreender o meme a partir das ideias do autor em sua Comunicologia.

### 3. O MEME E A IMAGEM TÉCNICA

A comunicologia (Flusser, 2015) traz uma forma de repensar a crítica da cultura em relação às novas tecnologias, dentre elas a internet, e com isso repensar a teoria da comunicação humana. A comunicação, segundo Flusser (2015), sempre depende da mídia, e cada mídia possui sua lógica própria, transmitindo informações sobre a realidade segundo leis próprias; trata-se de armazenar informações adquiridas, processá-las e transmiti-las. Um processo que parece contrariar a natureza, dentro de sua perspectiva entrópica.

Cita-se a entropia como parte da segunda lei da termodinâmica, um conceito fundamental que mede o grau de desordem ou aleatoriedade em um sistema. Na termodinâmica, a entropia representa a quantidade de energia em um sistema que não pode mais ser utilizada para realizar trabalho, sendo que os sistemas tendem a evoluir para estados de maior desordem, como um cubo de gelo que, ao derreter, passa de um estado ordenado para um mais caótico. Na teoria da informação, a entropia mede a incerteza ou imprevisibilidade dos dados, indicando a quantidade média de informação necessária para descrever um conjunto de elementos. No universo em geral, a entropia tende a aumentar constantemente. A Segunda Lei da Termodinâmica afirma que a entropia total de um sistema isolado jamais diminui. Dessa forma, a entropia pode ser compreendida como uma tendência natural dos sistemas para estados de maior desordem e incerteza, refletindo uma característica fundamental tanto de processos físicos quanto informacionais.

Por esse viés, Flusser (2015) comenta a entropia como sendo um dos princípios básicos da natureza, dessa forma, as informações se perdem, no entanto, existem maneiras de preservá-las, que ele classifica como negativamente entrópicas ou neguentrópicas, um meio de manter dados quando a tendência básica seria a perda deles. A comunicação humana tem por objetivo armazenar informações. A cultura é um dispositivo para armazenar informações, dessa forma vemos um esforço da humanidade contra a natureza.

A comunicação, portanto, não é um processo natural, por ser instrumentada por artifícios criados para orientá-la. Naturalmente tem-se a tendência de esquecer de sua artificialidade, e ela se torna algo como uma segunda natureza para nós, ainda assim, sendo parte do que se chama de mundo codificado.

Para que essa comunicação aconteça, têm-se símbolos ou códigos que são organizados, estruturados e utilizados nesse processo, ferramentas administradas sempre que se deseja comunicar. Esse caráter artificial nem sempre é consciente, podendo facilmente passar despercebido. Todo esse processo procura fazer com que a humanidade se esqueça da sua condição inevitável, a morte.

Na escola, aprende-se gramática, sintaxe e a pronúncia correta das palavras. Quando se é introduzido à poesia, depara-se com diferentes estruturas, regras e padrões, cada um servindo a um propósito específico de construção poética. Esses elementos constituem a formação linguística e definem o que é usado para se comunicar e expressar ideias, fatos e sentimentos. Com o tempo, passa-se a seguir as regras desse jogo, mas acaba-se ignorando um ponto essencial: a artificialidade desse processo. De acordo com Flusser (2018), a comunicação não deve ser vista como algo natural, pois depende da artificialidade dos códigos que a constituem.

O caráter artificial da comunicação humana nem sempre é consciente, após aprendermos um código, tendemos a esquecer sua artificialidade, os códigos tornam-se uma espécie de segunda natureza e o mundo codificado e cheio de significados em que vivemos nos faz esquecer o mundo da primeira natureza. (Flusser, 2018, p.90)

Segundo Flusser (2012), como explicado por Silva e Silva (2013), a artificialidade da comunicação reside no fato de ser baseada em artifícios, descobertas, ferramentas, instrumentos e símbolos organizados em códigos. Os sons usados ao falar, por exemplo, não são naturais como aqueles que os animais emitem para se comunicar. Da mesma forma, a escrita não é um gesto instintivo, algo evidente no esforço exigido das crianças para aprenderem as letras, processo que pode ser desafiador para muitos e nunca será espontâneo como a dança das abelhas. Diante disso, pensar em uma teoria da comunicação implica reconhecer que não se trata de uma ciência natural. O propósito do mundo codificado é, em última análise, causar o esquecimento de que ele é um tecido artificial, tecido este que envolve o conhecimento, as artes, a ciência, a filosofia e a religião. Esses campos formam uma trama densa, sem brechas, que provoca o afastamento da lembrança da solidão e finitude. Esse aspecto não natural, que Flusser considera intrínseco ao homem, é também o que o define como um ser político; suas relações, até mesmo as mais primitivas, não podem ser vistas como naturais, mas como ações moldadas pela

cultura. Silva e Silva (2013) exemplifica essa condição com o ato de amamentar e convida a refletir sobre essa artificialidade:

Enfim, trata-se de um ato natural, de uma comunicação profunda entre mãe e filho, entretanto, trata-se também de um ato nada natural, profundamente marcado pela cultura e pelos intertextos do erotismo, das sanções, da incompreensão coletiva. O sexo, necessidade primitiva para a preservação da espécie, é marcado pela cultura, ritualizado, erotizado, desviado de sua função reprodutiva para o lúdico e certamente é ele uma das maiores interferências confusas no ato de amamentar, contaminado de culpa pelo desejo e o olhar do outro. (Silva, P.; Silva, M., 2013, p.31)

Uma vez que existe essa necessidade de criar significados e interpretar os fenômenos, Flusser trata da Teoria da Comunicação como sendo uma disciplina interpretativa, e que um “artefato” se torna natureza na medida em que é explicado. Ainda no livro *O universo das imagens técnicas* (2008), Flusser apresenta o conceito de imagens técnicas, tecendo uma crítica à sociedade Pós-Moderna, dizendo que elas percorrem um caminho chamado "escalada da abstração". Essa teoria oferece uma abordagem fenomenológica para entender a evolução da cultura ao longo da história, destacando a importância da mudança no código de comunicação dominante como fundamento para as transições entre paradigmas culturais.

Assim, a escalada da abstração que nada mais é que uma escalada da subtração, consiste na retirada progressiva de dimensões dos objetos, de três para dois, para uma e para zero dimensões. Este é o programa civilizatório seguido por todos nós. Por isso, diante da perda total do espaço só se pode fazer um "elogio da superficialidade". (Flusser, 2008, p. 11)

Essas transições resultam na gradual perda das dimensões espaço-temporais relacionadas com a experiência cultural vivida. Flusser não se propõe a realizar uma historiografia detalhada dos códigos, mas sim a identificar aspectos fundamentais das diferentes fases da história humana em termos de codificação. Ele sugere que essas fases podem ser divididas em cinco momentos distintos, cada um caracterizado por uma modalidade predominante de experiência vivida correspondente a um código geral, que unifica a cultura e configura a experiência vivida dentro de um espectro de dimensões, desde as quatro dimensões até a "zero-dimensão".

Portanto, devido à forma como foram produzidas pelos aparelhos, essas imagens perdem suas dimensões, exigindo do seu leitor que devolva essas dimensões ao interpretar o que a imagem apresenta. Interpretá-las se torna um

processo envolto de superfícies que se condensam sobre um abismo que essas tecnologias criaram.

Para Vilém Flusser (2008), as dimensões espaço-temporais ajudam a compreender a evolução da comunicação e da cultura, que transita da experiência direta para formas cada vez mais abstratas e simbólicas. Essa progressão ocorre à medida que os códigos culturais mudam, reduzindo a percepção integral do espaço-tempo para formas mais específicas e mediadas.

No nível das quatro dimensões, a experiência é vivida de forma plena, incorporando as três dimensões espaciais (altura, largura e profundidade) e o tempo. Essa é a esfera do "mundo da vida", onde o contato com o mundo é direto e imediato, sem mediações culturais. Um exemplo seria o agricultor que interage com a natureza ao plantar e colher com as próprias mãos, guiado por necessidades básicas de sobrevivência.

Na experiência com três dimensões, ocorre a concretização da realidade em objetos tangíveis. Aqui, a manipulação de ferramentas e artefatos substitui o contato direto com o ambiente natural. Esses itens, dotados de volume e profundidade, possuem valor utilitário e visam facilitar a sobrevivência e aumentar a eficiência. O uso de uma faca para cortar alimentos ou de um machado para cortar madeira exemplifica essa dimensão, que enfatiza a funcionalidade.

Na fase das duas dimensões, imagens como pinturas rupestres surgem como meio de registrar e transmitir experiências tridimensionais. A visualidade ganha protagonismo, conectando o passado ao presente por meio de representações simbólicas. Um exemplo seria uma pintura rupestre que registra uma cena de caça, permitindo que outros interpretem o evento mesmo sem presenciá-lo.

Na dimensão unidimensional, as imagens passam a ser traduzidas em textos lineares e sequenciais. Essa transição implementa a consciência histórica e o pensamento lógico, reduzindo a magia e a imediatez das imagens. Textos, como manuscritos medievais ou romances, organizam a experiência de forma processual, promovendo uma compreensão conceitual e racional do mundo.

Por fim, a fase de zero dimensão reflete uma abstração, na qual o texto é decomposto em códigos numéricos que geram imagens técnicas, como fotografias e vídeos. Como são compostas por pixels e manipuladas digitalmente, elas não possuem um referente natural claro e refletem uma cultura dominada por abstrações.

Um exemplo seria um infográfico digital ou uma fotografia editada, que representa uma realidade mediada e sintética, projetada por algoritmos.

Essas dimensões ilustram como a comunicação evolui ao longo da história, afastando-se da experiência direta e integrando-se a códigos cada vez mais abstratos e simbólicos. Flusser (2008) descreve essa trajetória como uma transição cultural que altera profundamente a forma de percepção e interação com o mundo.

Os conceitos das dimensões da escalada da abstração de Flusser podem ser relacionados ao objeto desta pesquisa, um *podcast* que narra histórias de pessoas que se tornaram memes, analisando como os diferentes níveis de abstração estão presentes tanto na construção quanto na disseminação dessas narrativas.

No *podcast*, o relato das pessoas que se tornaram memes traz à tona a vivência direta (quarta dimensão) dos eventos que os originaram. Esse nível se refere à experiência original, antes de ser mediada pelas imagens técnicas. Por exemplo, um episódio pode narrar a história de alguém cuja reação espontânea em uma festa foi gravada e viralizou, revelando o momento real vivido pela pessoa.

Os memes, ao serem compartilhados como fotografias, vídeos ou *GIFs*, são transformados em objetos digitais tridimensionais (terceira dimensão) que possuem significado simbólico. No *podcast*, a narrativa pode explorar como esses registros foram captados, editados e publicados, transformando o evento vivido em um artefato acessível a outros. Por exemplo, a história de como uma foto casual se tornou viral por representar uma emoção universal.

Os memes ainda são, em grande parte, imagens técnicas bidimensionais (segunda dimensão) que carregam mensagens simbólicas. O *podcast* pode discutir como essas figuras condensam e reinterpretam as experiências vividas, tornando-as compreensíveis e compartilháveis em diferentes contextos culturais. Um exemplo seria explorar como um meme visual, como o "Gato Bravo" ou "Já acabou, Jéssica?", encapsula uma narrativa maior que transcende a imagem em si.

O *podcast* em si atua como uma narrativa linear (uma dimensão) que organiza e dá sentido às histórias das pessoas por trás dos memes. Aqui, a experiência fragmentada dos memes é resgatada e conectada em uma linha do tempo, oferecendo aos ouvintes uma perspectiva coerente sobre os eventos. Esse processo reflete como o texto complementa as imagens, contextualizando-as e ampliando sua compreensão.

Os memes, enquanto imagens técnicas compostas por pixels e amplamente manipuláveis, vivem em nulodimensionalidade, ou seja, quando todas as dimensões foram abstraídas. Essas figuras perdem seu vínculo direto com a experiência original e passam a existir como símbolos independentes, sujeitos a reinterpretações e usos múltiplos.

Em resumo, o *podcast* não apenas narra a história dos memes, mas também funciona como uma forma de "devolver" o contexto humano e histórico às imagens técnicas. Ele transita pelas diferentes dimensões da escalada da abstração ao recuperar a vivência original, explorar as transformações dos memes em objetos simbólicos e, ao mesmo tempo, refletir sobre seu papel na cultura digital contemporânea.

Segundo Flusser (2008), a imagem tradicional é a do homem Pré-Histórico, que é utilizada para se registrar o cotidiano e a natureza. Ela pode ser representada por meio do desenho e da pintura e gera uma espécie de idolatria, pois ao contemplá-la a atenção se prende à sua superfície. Dessa forma, se torna uma mediação entre o homem e o mundo. No caso da imagem escrita, ela é linear, lógica e consiste em um registro histórico, portanto o homem não idolatra mais a imagem, mas o texto. "Os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas" (Flusser, 1985, p. 8). O texto passa a cobrir o significado de algumas imagens, gerando assim uma disputa dialética, uma crise, na qual texto representa imagem e imagem representa texto, e uma forma de tentar administrar essa crise é pelo uso das imagens técnicas.

Quando se fala de imagem técnica, refere-se à imagem que é produzida por aparelhos técnicos: "transferir os fótons, elétrons e *bits* de informação para uma imagem" (Flusser, 2008, p. 28); enquanto a figura tradicional é Pré-Histórica, a técnica é Pós-Histórica, no sentido de que ela traz novamente a "magia" que o texto tradicional havia tirado. Ainda assim, Flusser diz que as ilustrações tradicionais imaginam o mundo, e as técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. Exige, portanto, que sejam decifradas, tornando sua compreensão mais difícil. Enquanto as tradicionais ocorrem no interior da mente de um artista, as técnicas ocorrem no interior da caixa preta, por isso Flusser nos diz que somos incapazes de decifrar as imagens técnicas.

Pode-se pensar nessas imagens técnicas na caixa preta como se fossem janelas (Flusser, 1985, p. 10). Embora Flusser atribua o conceito à fotografia, o termo abrange

todo tipo de imagem produzida e exibida em aparatos, como televisão, computadores, celulares, cinema e dentro disso também o *meme*, este objeto empírico. O meme é criado dentro da caixa preta, a partir de sites, aplicativos e softwares de edição de imagem: “simultaneamente, os aparelhos emancipam o homem para o jogo. Em vez de movimentar o pincel, o fotógrafo pode brincar com o aparelho” (Flusser, 1985, p. 37).

Para Vilém Flusser, a "caixa preta" é uma metáfora para qualquer aparelho capaz de produzir imagens técnicas, indo além da câmera fotográfica. Esses dispositivos as sintetizam de maneira complexa, combinando elementos que não são meramente reproduções do real, mas sim produtos de cálculos e programas internos.

No caso dos memes, pode-se aplicar essa ideia para entender que eles também são criações da "caixa preta". Sua produção envolve sites, aplicativos e softwares de edição, que permitem combinar texto, ilustração e, muitas vezes, som. Essas criações não são apenas representações simples, mas configurações técnicas sofisticadas que demandam um processo criativo e programado por parte de quem as desenvolve. Além disso, para Flusser (2012), às imagens técnicas requerem complexos movimentos de decifração de códigos. Quem consome ou compartilha memes precisa interpretar as mensagens codificadas neles, muitas vezes envolvendo contextos culturais, referências visuais e ironias textuais.

Dessa forma, os memes exemplificam bem o conceito de Flusser sobre a "caixa preta". Eles mostram como os aparelhos tecnológicos emancipam o ser humano, permitindo-lhe "brincar" com a criação de conteúdos digitais. Em vez de depender de técnicas tradicionais, como o uso do pincel para pintar, os criadores de memes podem explorar os dispositivos técnicos para sintetizar formas novas e interativas de expressão. Essa dinâmica torna os memes representações culturais densas, que condensam múltiplas camadas de significação em um único produto digital.

Flusser caracterizou a revolução da comunicação como a criação de canais que conectam espaços privados, deslocando e, em alguns casos, fazendo desaparecer o espaço público tradicional. A metáfora do "queijo suíço" procura descrever essa dinâmica, na qual os canais de comunicação perfuram o espaço particular, permitindo que o vento da comunicação sopre através desses "furos", outrora privados. Esses canais são permeados por narrativas que atravessam essas lacunas, moldando a maneira como se entende e se relaciona com o mundo ao redor.

A história da cultura ocidental também oferece uma perspectiva valiosa sobre a evolução da comunicação. Flusser (2007) destaca marcos como a invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg. O surgimento de aparelhos que permitiam o registro visual, como a fotografia e o cinema, no século XIX, são elementos de uma sociedade cada vez mais imagética, característica da Pós-Modernidade.

A Pós-Modernidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento tecnológico e à transformação dos modos de comunicação. Flusser vê a Pós-Modernidade como uma era de transição da lógica linear da modernidade, baseada na escrita alfabética e na narrativa histórica, para uma sociedade dominada por imagens técnicas, como fotografias, filmes e mídias digitais. Flusser argumenta que essas imagens reconfiguram a maneira de percepção do mundo, promovendo uma cultura não-linear, fragmentada e marcada pela simultaneidade. Na visão de Flusser, a Pós-Modernidade também envolve uma "crise dos valores tradicionais" e uma mudança de paradigmas, em que as certezas racionais e científicas da modernidade são substituídas por uma abordagem mais relativista e pluralista. Ele observa que a comunicação, antes centralizada na transmissão de ideias por meio da linguagem escrita, passa a se articular em torno de imagens e símbolos que atuam de forma mais direta e emocional.

Dessa forma, Flusser considera a Pós-Modernidade como um período em que a realidade é "programada" pelas tecnologias de comunicação, alterando profundamente a compreensão de verdade, história e identidade. Para ele, a Pós-Modernidade não é apenas uma continuação da modernidade, mas uma nova forma de ser e de perceber, moldada pela artificialidade dos códigos e pela influência crescente dos meios tecnológicos.

Vilém Flusser aborda a Pós-Modernidade principalmente em seu livro *Pós-História: Vinte Instantâneos e um Modo de Usar* (1983). Nesse texto, ele explora a transição para a era da comunicação mediada por imagens técnicas e discute o impacto das tecnologias de informação na cultura e na percepção do mundo, elementos centrais para entender sua visão da Pós-Modernidade, argumentando que a sociedade contemporânea passa a ser moldada menos pela narrativa histórica linear e mais por uma realidade mediada, fragmentada e programável, característica da era Pós-Moderna.

Na obra *O Universo das Imagens Técnicas* (2008), Vilém Flusser convida a uma reflexão sobre a sociedade Pós-Moderna e sua relação com as imagens. Em sua

crítica, o filósofo apresenta a "escalada da abstração", um processo que leva a questionar a natureza da imagem e a evolução da forma de percepção. Para entender essa jornada, precisa-se voltar no tempo e revisitar o que se considera imagem em sua ordem cronológica. Antes do surgimento das "tecnoimagens", as representações visuais eram produzidas em superfícies lineares e planas, como em quadros e pinturas.

A imagem tradicional é produzida por gesto que abstrai a profundidade da circunstância, isto é, por gesto que vai do concreto rumo ao abstrato. A tecnoimagem é produzida por gesto que reagrupa pontos para formarem superfícies, isto é, por gesto que vai do abstrato rumo ao concreto (Flusser, 2008, p. 17).

Com a invenção dos meios técnicos, as máquinas que possibilitaram a criação de imagens, essa realidade se transformou. A partir daí, as imagens não se limitavam mais a planos e superfícies. Surgiram os pontos, grânulos e pixels, elementos dispostos em uma ordem que Flusser define como "grau zero de espaço". Essa nova forma de representar a realidade, através da manipulação da luz e da informação digital, marca o início da era das tecnoimagens. Esse percurso rumo à abstração, subtrai as dimensões dos objetos, saindo da tridimensionalidade e chegando à nulodimensionalidade. Sendo de uma dimensão nula, as imagens técnicas não possuem corporeidade, apresentando, portanto, nenhuma dimensão. A busca por compreender essa forma de comunicar é a revolução cultural apresentada por Flusser em sua obra.

Primordialmente o portador da informação era o texto escrito, mas esse papel passa agora a ser assumido pelas imagens técnicas. Estas que abstraem a profundidade dos fenômenos e os fixam em planos, superfícies, transformando-os em cenas. A imagem passa a mediar o homem e os seus fenômenos. Enquanto a figura tradicional vai do concreto ao abstrato, as técnicas fazem o caminho inverso. A criação vem de uma manipulação diferente, visto que sua produção em si, não é viável para mãos humanas, necessitando de instrumentos apropriados. Por essa mediação, que, primordialmente parte de uma busca para esquecer a própria mortalidade, perpetua-se uma busca por um tipo de imortalidade.

Neste momento, tem-se um formato que torna possível tanto a produção quanto a visualização, apenas por meio de seus aparelhos. Por meio do movimento das pontas dos dedos, o sujeito aciona comandos que, no interior da "caixa-preta", computam as unidades a fim de agrupá-las. Quando Flusser (2005) usou o termo

"caixa-preta", ele estava desenvolvendo uma filosofia da fotografia, porém ao seguir com suas teses sobre imagens técnicas, é possível pensar os computadores, celulares, tablets etc. como elementos semelhantes, pois na atualidade, estão envolvidos num processo semelhante.

A nova superficialidade desiste da tarefa de elucidar a pretidão das caixas; ela relega, com leve desprezo, a tarefa aos físicos e técnicos que inventaram e fabricaram os aparelhos. A nova superficialidade se interessa pelo *input* e pelo *output* das caixas pretas, se interessa pela intenção dos imaginadores [usuários] ao apertarem as teclas (Flusser, 2012, p. 41).

Atualmente, quando a proposta é dialogar com o que foi apresentado por Flusser em *Filosofia da Caixa Preta*, dificilmente concentram-se as discussões apenas nas máquinas fotográficas, pois elas se ampliaram para as novas tecnologias.

Nossa tese: as novas imagens não ocupam o mesmo nível ontológico das imagens tradicionais, porque são fenômenos sem paralelo no passado. As imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volumes, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas com pontos. De maneira que, ao recorrermos a tais imagens, não estamos retornando da unidimensionalidade para a bidimensionalidade, mas nos precipitando da unidimensionalidade para o abismo da zero-dimensionalidade. Não se trata de volta do processo para a cena, mas sim de queda do processo rumo ao vácuo dos *quanta*. A superficialidade que se pretende elogiar é a das superfícies que se condensam sobre semelhante abismo (Flusser, 2012, p. 15).

A "Escalada da Abstração" é um conceito chave na filosofia de Vilém Flusser (2005). O conceito é utilizado para descrever o processo pelo qual a sociedade passa da experiência direta e concreta para formas mais abstratas de representação. A comunicação humana evolui de formas mais concretas e específicas para meios mais abstratos e simbólicos. Flusser (2005) argumenta que, ao longo da história, a humanidade tem passado por diferentes estágios nesse processo de abstração, desde a comunicação baseada em gestos e imagens até a linguagem escrita, e, mais recentemente, para formas de comunicação mediadas por imagens técnicas, como a fotografia e o cinema.

A comunicação começa com gestos, ações e experiências diretas no mundo concreto. Dessa forma a sociedade desenvolve maneiras mais abstratas de comunicação, como a linguagem escrita e, mais tarde, as imagens técnicas (fotografia, cinema, televisão), que representam uma abstração da realidade. O desenvolvimento de códigos e programas de computador demonstram o momento em

que a comunicação se torna ainda mais distante da experiência direta. Cada novo estágio na Escalada da Abstração traz consigo novas possibilidades e limitações no jeito que se percebe e compreende o mundo.

O autor propõe, portanto, uma perspectiva fenomenológica da história da cultura, na qual o fundamento de transições entre paradigmas culturais está vinculado à mudança de código dominante nas comunicações. Essas transições ocorrem conforme as dimensões espaço temporais correlacionadas à experiência vão sendo perdidas. Pode-se analisar esses momentos ao comentar os diferentes aspectos de cada dimensão. Essas dimensões são uma forma de compreender como a comunicação evolui da experiência direta para formas mais abstratas e simbólicas.

A experiência vivida nas quatro dimensões inclui as três dimensões do espaço (altura, largura e profundidade) e o tempo, distribuídas de maneira uniforme. Esse é o domínio do "mundo da vida" (*lebenswelt*), onde a fenomenalidade é mais básica e primordial. Nessa esfera, o contato com o mundo é mediado pelo corpo em sua totalidade, com a sobrevivência como principal orientação. Nesse nível, a realidade é vivenciada de forma plena e integral, sem distinções entre diferentes aspectos da experiência. Cada momento é uma experiência completa, orientada pela necessidade de manter a vida e a integridade física, em que o espaço e o tempo são percebidos como um todo contínuo.

Ao entrar na fase de três dimensões, ocorre uma redução abstrativa, isolando a tridimensionalidade espacial. Nesse estágio, os objetos ganham forma e assumem um novo significado para a experiência humana, servindo para abreviar necessidades de sobrevivência.

A transição para duas dimensões representa um avanço na continuidade cultural, na qual os rudimentos civilizacionais começam a se formar. Nessa fase, a criação de imagens tradicionais, como pinturas rupestres, surge como um meio de registrar e transmitir a experiência vivida anteriormente. Aqui, o contato com o mundo diminui a ênfase na manualidade e aumenta o foco na visualidade. As imagens permitem a representação de acontecimentos passados, conectando a experiência do presente com a do passado. Esse registro visual não apenas documenta, mas também instiga a imaginação, proporcionando um meio de se visualizar e interpretar o mundo.

Na fase unidimensional, as imagens passam a ser vistas de maneira crítica e necessitam ser explicadas e desmistificadas. A transição para textos é um movimento

que traduz a linguagem visual das imagens em uma forma linear e processual, criando uma série de eventos sucessivos. Isso marca o surgimento da consciência histórica, na qual o contato com o mundo se torna mais conceitual e racional. A narrativa linear dos textos promove uma compreensão sequencial e lógica dos acontecimentos, superando a imediatez e a magia das imagens. Nesse contexto, a racionalidade e a explicação tornam-se a base para a interação com o mundo.

A fase de zero dimensão reflete uma crise na história e na linguagem, em que a complexidade crescente das ciências torna os textos obscuros e difíceis de compreender. Esse período marca o início de uma nova abstração, na qual a racionalidade lógico-matemática decompõe o código unidimensional em pontos discretos e quantitativos. A expressão científica passa a depender mais de cálculos matemáticos, impulsionando avanços tecnológicos significativos. Na era da informação, a experiência é dominada por imagens técnicas, como fotografias e vídeos, que não remetem a um tempo específico. Essas figuras, compostas por pixels e controladas por programas, não têm um referente natural claro, refletindo uma cultura formalística e sintética que projeta realidades alternativas manipuláveis e editáveis.

[...] a pretensão dos textos de ser a salvaguarda da objetividade começa a ser abalada à medida que eles tentam expressar avanços cada vez mais complexos nas ciências: tornam-se obscuros, herméticos, inconcebíveis pela imaginação. Esse seria o sintoma da crise da história e o que demandou o próximo passo da abstração. A epistemologia moderna, subsidiada pela racionalidade lógico-matemática, já havia iniciado o processo de decomposição do código unidimensional (linhas) em pontos (dados discretos, quantitativos e calculáveis). “Nesse momento, os números (zahlen) migram do código alfanumérico e se transformam em numerais (nummer)” (Flusser, 2014, p.157).

As teorias científicas passam a se expressar de modo mais matemático, buscando conceber o universo por meio do cálculo. É bebendo dessa fonte teórica que a ciência tem seu mais acelerado avanço no domínio tecnológico (Quiroga; Policena, 2020, p. 32).

Considerar essas dimensões ajuda a contextualizar a evolução da comunicação e a explorar as transformações na maneira como os seres humanos se relacionam com o mundo ao longo do tempo. Noção que fundamenta a discussão sobre as diferentes fases da escalada da abstração, delineando como a comunicação se desenvolveu a partir de suas origens mais primordiais até as formas mais complexas e simbólicas. Essas dimensões fornecem uma estrutura conceitual para entender como a comunicação evolui ao longo do tempo.

As imagens técnicas não são meras reproduções da realidade, mas construções culturais. Elas resultam de códigos e algoritmos que determinam sua criação e interpretação. São programadas, moldadas por convenções culturais e códigos, indo além da simples captura da realidade para transmitir mensagens específicas, elas não apenas representam objetos, mas contêm informações específicas. Essas informações são codificadas cultural e tecnologicamente na criação e na interpretação das imagens.

A experiência vivida nessa fase é povoada de imagens técnicas (ou tecnoimagens) projetadas por programas escritos em linguagem computacional e executados por aparelhos eletrônicos (exemplos de imagens técnicas: fotografias, vídeos, gráficos gerados por computador; imagens de microscópio, telescópio, raios-x e infravermelho; artes digitais em meios diversos, interfaces de sistemas, hologramas etc.). À medida que a projeção é vista de mais perto, percebe-se que ela não é contínua: é composta por pontos, pixels distribuídos segundo a programação e capacidade computacional. A imagem técnica não faz referência a um passado ou futuro da consciência histórica: está num plano formalístico atemporal, de modo que, sem o conhecimento específico do programa, não há qualquer referência que permita falar seguramente a respeito de sua veracidade. A cultura das imagens técnicas, ainda em formação, apresenta essas características: é formalística, pontual, sintética. O contato com o mundo recupera a visualidade, porém de um modo ontologicamente distinto: ao fundo das imagens não há mais um mundo natural de primeira ordem, mas programas que podem ser decifrados, editados e manipulados para projetar realidades alternativas (Quiroga; Policena, 2020, p. 32).

Deve-se ter uma consciência da programação das imagens técnicas. Essa noção sobre como as imagens são produzidas e interpretadas é crucial para a liberdade e a compreensão crítica da sociedade contemporânea. Possuem um grau de superficialidade que não chega a ser unicamente negativo, pois é uma característica que permite novas formas de pensamento e percepção. Reiteramos sua natureza culturalmente construída e como sua compreensão pode influenciar a forma como se percebe o mundo e a si próprio.

A teoria de Vilém Flusser sobre as imagens técnicas oferece uma fundamentação rica para a análise dos memes, considerando-os como produtos da “caixa preta” da tecnologia, que transforma a experiência direta em formas mais abstratas de comunicação. Flusser (2005) argumenta que, à medida que a comunicação evolui, passa de uma maneira concreta e sensorial para representações cada vez mais simbólicas e mediáticas, o que chama-se de “escalada da abstração”.

Os memes, por sua natureza, exemplificam essa transição. Eles podem surgir a partir da intersecção entre criatividade, humor e crítica, traduzindo experiências

humanas em imagens técnicas que não apenas representam o mundo real, mas também se transformam em novos produtos culturais com significados amplificados. O conceito de “cúmulo do redimensionamento” introduzido na análise diz respeito à forma como esses memes reconfiguram e ampliam os significados originais, adaptando-se a novas narrativas e contextos culturais.

Dessa maneira, os memes se tornam uma forma poderosa de mediação cultural, lembrando que a comunicação nas sociedades contemporâneas não é apenas uma troca de informações, mas também uma construção complexa de significados que dialogam profundamente com a realidade dos indivíduos envolvidos. Por isso, compreender os memes à luz da teoria de Flusser não só enriquece a análise da cultura digital, mas também amplia a visão sobre como as imagens técnicas impactam a contemporaneidade.

#### 4. O MEME E AS NARRATIVAS

Neste trabalho, além de entender o meme como parte de um processo comunicacional, constituído por imagens técnicas, percebe-se sua relação com as narrativas, entendidas em seu aspecto mediático e como formas de mediação da experiência (Silva; Santos, 2015). No regime comunicativo textualizado, o fabulativo sobrepõe o demonstrativo, ou seja, os valores do grupo são expressos em mitos e não em tratados científicos ou filosóficos. Isso não é algo muito distante da realidade, visto que tanto a oralidade quanto os meios baseados em imagens são propensos à textualização.

A textualização privilegia a forma narrativa. Ford exemplifica a partir de um registro da cultura mapuche, etnia originária do vale central chileno. A ideia mapuche é que “uma vez escritas, as palavras perdem o valor que a boca lhes deu” e que “somente uma narrativa de acontecimentos (nutran) ou uma narrativa de ficções, contos e fábulas (epeu) não serão perdidas” (Ford, 1999, p. 51).

É que as coisas meramente escritas se salvam para o arquivo contábil, mas de algum modo se perdem para a memória viva, para a escuta ativa. Na narrativa, a palavra ouvida fica sempre. (Sodré, 2010, p.11).

Na modernidade a ilusão mítica pode parecer deixada de lado, em uma busca constante por racionalidade, trazendo uma montagem racional das significações, buscando ser objetiva e clara. Com esse foco ela se apresenta como uma espécie de gramática da clarificação<sup>7</sup> (Adorno e Horkheimer, 1985). Segundo eles, a modernidade não elimina completamente o mito, mas o transforma. A ciência e a ideologia passam a funcionar como novas “mitologias”, dando sentido ao mundo e à vida humana de maneira sistemática e racionalizada.

Portanto, pensemos nas narrativas como formas de mediação da experiência, sendo responsáveis por representar, interpretar, identificar, criticar e repensar, desse

---

<sup>7</sup> Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, não utilizam diretamente o termo "gramática da clarificação" (Sodré, 2009). No entanto, suas análises sobre o papel do esclarecimento e a racionalidade moderna dialogam com a ideia de uma organização sistemática e racional das significações que pode ser interpretada como algo próximo a uma "gramática". Eles argumentam que o esclarecimento, ao tentar superar o mito, acaba por estruturar o pensamento humano de maneira que busca ser clara, objetiva e universal, o que remete a um sistema organizado de significados. Essa sistematização é uma forma de controle, que transforma a razão em um instrumento técnico e funcional. A ideia de "clarificação" no pensamento deles está ligada à crítica da racionalidade instrumental, que pretende eliminar ambiguidades e subjetividades para promover um domínio mais eficiente do mundo. Esse processo, no entanto, é problemático porque reduz a complexidade da vida humana e social a relações puramente funcionais, desconsiderando aspectos qualitativos e subjetivos.

ponto de vista, um caminho possível para a aproximação e para a compreensão dos fenômenos do mundo, daí seu caráter mediático (Silva; Santos, 2015, p. 1).

As narrativas produzem parte da cultura, assim como são produtos culturais, já que materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário. Possuem um importante papel de mediação, sobretudo à medida que ajudam a identificar, selecionar e interpretar os fatos, além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta, a partir da simulação, do jogo, da fabulação. Narrador, espaço, personagens e tempo intrincam-se e relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória (Silva; Santos, 2015, p. 1).

Paul Ricoeur defende que é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa (Ricoeur, 2010, p. 11). O termo “narrativa mediática” envolve “histórias e ficções transmitidas e difundidas pelos meios de comunicação” (Silva; Santos, 2009, p. 356).

As narrativas tradicionais que contemplam a experiência estão fundamentadas na oralidade, na coletividade e na ética pedagógica, como nos exemplos da historiografia antiga (Heródoto), da epopeia grega, da crônica medieval, do romance de cavalaria e dos contos populares. Com a modernidade, essas narrativas comunitárias dão lugar aos relatos centrados na vivência privada dos indivíduos, pois apelam às sensações, que produzem o choque imediato, fugaz; não dão conta da experiência significativa e transformadora, tampouco da sedimentação da memória. Para Benjamin (1987), podem ser exemplificadas pelo romance moderno, pela short-story e pelo jornalismo, frutos de “um tipo de vivência que condiz com uma sociedade urbana e industrial, cujo ritmo de vida é sentido a partir do tempo acelerado, que consome a lentidão das experiências e memórias coletivas, centradas no relato comum entre o narrador e o ouvinte” (Santos; Silva, 2009, p. 357).

Olha-se para essas narrativas, agora, no contexto da comunicação via internet, que é mais que um suporte físico apenas para transmissão de dados, olha-se aqui para a internet como parte de um processo imenso chamado comunicação, sendo a web uma esfera de signos passível de geração de sentido na qual a cultura também se manifesta. Desse suporte emergem manifestações como o meme, que carrega em si uma gramática própria, uma expressão, uma concepção de mundo, seu caráter de construção intencional; todo esse movimento modifica experiências e causa grandes transformações e diferentes impactos nos envolvidos.

Esta pesquisa irá focar as narrativas, especificamente sobre sujeitos protagonistas de memes. A fim de se organizar o caos de informações dispostas, assim como de se estruturar a percepção sobre os fenômenos, a narrativa apresenta-se como um processo que possibilita “mobilizar as subjetividades dos agentes

envolvidos na experiência” (Silva; Santos, 2022, p. 2). Trata-se de uma visão comunicacional da narrativa, por compreendê-la como um processo de mediação.

A narrativa, como conceituada pelas professoras Míriam Silva e Tarcyane Santos (2015) é necessária nessa pesquisa, uma vez que elas são vistas como algo que produz parte da cultura assim como também são produtos culturais. São formas de mediação da experiência.

As narrativas produzem parte da cultura, assim como são produtos culturais, já que materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário. Possuem um importante papel de mediação, sobretudo à medida que ajudam a identificar, selecionar e interpretar os fatos, além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta, a partir da simulação, do jogo, da fabulação. Narrador, espaço, personagens e tempo intrincam-se e relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória (Silva; Santos, 2015, p. 1).

Fica claro, portanto, que a narrativa possui um papel importante para o ser humano e que, conforme há revoluções tecnológicas, a maneira de contar histórias também se transforma.

Podemos ampliar o entendimento de narrativas para compreender de maneira objetiva o que são as narrativas mediáticas. Primeiramente, narrativa do latim *narratio*, *narrare* remete à narração ou história. Pode-se defini-la como um processo para contar algo, seja real ou imaginário. Essa narrativa pode ser transmitida de forma oral, escrita, com imagens etc. Há inúmeros suportes para a narração, que pode se utilizar de diversas linguagens existentes.

Narrativa é uma realização mediata da linguagem que propõe comunicação a uma série de acontecimentos a um ou mais interlocutores, de modo a compartilhar experiências e conhecimentos, e alargar o contexto pragmático (Silva; Santos, 2009, p. 357).

Ao defini-la de tal forma, parece ser algo relativamente simples, apenas mais um gênero literário que se estuda na escola, entretanto, com o devido aprofundamento, é possível perceber a narrativa com mais abrangência. As narrativas são parte da condição humana.

Segundo Morin (1997), a morte inaugura a cultura, pois ao tomar consciência de sua mortalidade, o homem cria um universo pós-morte, construído por narrativas que permitem suportar o desaparecimento de nossa individualidade, bem como a ausência daqueles que amamos e que, mortos,

tornam-se personagens de histórias vividas, além de participarem como entes em outra dimensão, possível de ser experimentada pelos vivos somente no ato de narrar. Somos o que narramos, o que narraram sobre nós, as narrativas daqueles que nos antecederam e as narrativas que permanecem após o nosso fim (Silva; Cavassani; Brito, 2019, p. 142).

Dessa forma, narra-se a existência, seja para criar um universo pós-morte ou para um entendimento do que as pessoas são. A narrativa se configura em uma complexidade de vozes: a singularidade vivida pelo eu; a coletividade construída pelos pares; as outras narrativas que já foram e são fruidoras; a vida imediata, o cotidiano; a pós-vida criada pela consciência da morte; as vidas desejadas e possíveis (Silva; Cavassani; Brito, 2019).

Pensando nessa complexidade de vozes, algo fica claro. O principal elemento caracterizador da narração é a transformação de um estado de coisas por meio do tempo, de forma que existirá uma situação inicial que sofrerá uma transformação que implica diretamente o transcorrer do tempo. Sendo assim, elas poderiam narrar eventos reais ou histórias inventadas. As bases para a compreensão de narrativas estão presentes na teoria da mimese de Platão e Aristóteles.

Este distinguiu o drama (mimese), em que atores encenam os eventos, da narrativa (diegese), em que o discurso do poeta realiza um equivalente verbal da ação. No último século, a narrativa tem sido estudada como prática cultural muito difundida (presente inclusive no conto maravilhoso e no mito), que possibilita ordenar e dar sentido aos eventos e à experiência do mundo e à nossa própria inscrição nele (pelos relatos autobiográficos, por exemplo). Narrativa e linguagem são assim entendidas como dois dos principais processos da cultura\*, formadores de e formados na extensa rede intertextual de significados. (Vogel, 2009, p. 356)

A memória, resultado tanto da experiência imediata quanto de sua reconfiguração, processo que envolve lembrar, esquecer e até inventar, é constantemente atualizada por meio da narrativa, que sempre ocorre no presente (Silva; Cavassani; Brito, 2019). Ao narrar, o contador de histórias se torna uma mídia em si, utilizando seu corpo como veículo. Com o tempo, esse corpo passa a ser complementado por diferentes suportes, que evoluíram das paredes das cavernas para as páginas dos livros, até chegarem às mídias eletrônicas e redes digitais.

A narrativa, mais que apenas um gênero literário, constitui uma forma essencial de comunicação. Seu poder reside na capacidade de mediar os fenômenos, possibilitando a representação, crítica, interpretação e transformação do mundo ao redor (Silva; Santos, 2015).

Narrativas mediáticas podem ser compreendidas através dos suportes usados para a narração de eventos, experiências, relatos, acontecimentos e histórias. Os meios de comunicação ampliam o uso de linguagens, possibilitando diversas formas de se narrar, que repercutem sobre o tempo, que é o principal elemento caracterizador da narração. Com os meios de comunicação contemporâneos modificam-se os três componentes básicos da narrativa: a fábula (estrutura cronológico-causal que une os motivos temáticos na narração), o enredo (a forma como a fábula se desenvolve) e a intriga (o relacionamento entre os personagens) (Silva; Santos, 2009, p. 357).

Olha-se para o *podcast* como uma narrativa na qual é possível fazer uma leitura dos processos comunicacionais. Essa mediação da linguagem fornece o caminho necessário para comunicar acontecimentos, compartilhar conhecimentos e experiências.

A transformação das narrativas pelos meios de comunicação já havia sido observada nas reflexões de Walter Benjamin (1987), que no texto O Narrador, mas também ao longo de toda a sua obra, debate sobre a alteração da experiência, a partir das sociedades capitalistas modernas: “Houve o fim da experiência comunitária (Erfahrung) e o advento da vivência individual (Erlebnis). Enquanto a primeira diz respeito a uma relação social partilhada, porque oriunda da oralidade, o pôr em comum da comunicação, a segunda refere-se ao indivíduo isolado” (Silva; Santos, 2009, p. 357).

Interessante mencionar que as narrativas tradicionais que contemplam a experiência estão fundamentadas na oralidade, na coletividade e na ética pedagógica (Silva; Santos, 2022), elementos que fazem parte da proposta de um *podcast*. Com a modernidade, a vivência privada dos indivíduos passa a ser o tipo de relato central. Fala-se de uma sociedade urbana e industrial, que vive em função de um ritmo acelerado, dessa forma as narrativas devem envolver um choque imediato.

#### 4.1 Metodologia

Com base na compreensão teórica sobre narrativas, advinda das discussões de Silva, Santos (2022) e de Ricoeur (1994), optou-se por uma análise das narrativas geradas dos memes do *podcast Além do Meme*.

A partir do objetivo geral de investigar as narrativas desdobradas dos memes, é fundamental descrever um percurso metodológico que atenda às necessidades da pesquisa. Mais que uma análise convencional das narrativas, desenvolveu-se um processo que se utilizou dos seguintes passos: foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e uma revisão do estado da arte e enfim contemplou-se o *podcast*. Para chegar aos episódios estudados, todos foram analisados e, por fim, escolheu-se os

que mais pareciam oferecer possibilidades de leituras de seus desdobramentos, bem como estavam relacionados com memes que tiveram grandes repercussões.

O *corpus* é composto por dois episódios da série de *podcast Além do Meme*, com destaque para o episódio *O menino do Bar Mitzvá* (2020). Para tanto, o aporte teórico de análise de narrativas utilizado por Silva; Santos (2015) foi escolhido. As autoras fazem uso das três mimeses de Paul Ricoeur (2010), que compreende que a narrativa torna experiência humana compreensível, assim como o tempo só se torna humano através da narrativa. Nas narrativas analisadas nesta dissertação, percebe-se que a passagem do tempo e a materialização dos efeitos dos memes nas vidas dos envolvidos é que permitem pensar na inversão da escalada da abstração, como será explicado mais adiante, com base nas ideias de Flusser (2012). Com a passagem do tempo, e ao observar-se as narrativas, é possível o entendimento do contexto que envolve a imagem técnica, como pode-se chamar o meme a partir das discussões de Flusser (2012).

Essa análise ajuda na compreensão da construção dos memes que são narrados em cada episódio, sobretudo com respeito ao que é narrado sobre os efeitos que afetam diretamente os indivíduos envolvidos. Ela será utilizada porque a compreensão do caso pela narrativa, mesmo em meio aos elementos digitais que servem como suporte, tornam o sujeito humano novamente, devolvendo à imagem técnica à dimensão da vida cotidiana.

## 4.2 Análise dos Episódios

Como primeiro passo para o percurso metodológico deste trabalho, ouviu-se todos os episódios do *podcast Além do Meme*, focando os depoimentos e as observações que o apresentador Chico Felitti faz durante cada episódio. Foi possível constatar nas etapas iniciais desta pesquisa sua grande familiaridade com a linguagem dos memes, o que garantiu densidade na interlocução com os entrevistados.

Durante a escuta dos episódios, algo chamou atenção no episódio do *Menino do Bar Mitzvá*, no qual Chico menciona um trabalho de uma aluna bacharel em direito com título *Direito ao esquecimento na internet: a sua implementação nos dias atuais*. O referido trabalho foi encontrado e estudado. O direito ao esquecimento é uma

proposta da autora, tendo como exemplo os eventos que ocorreram na vida do "menino do bar mitzvá".

O direito ao esquecimento é uma ferramenta concedida ao indivíduo, em especial o indivíduo que vive na sociedade da informação, que lhe permite escolher como serão tratados seus dados pessoais, ou mesmo suas fotos, vídeos ou fatos a seu respeito, que ocorreram, mas já foram superados, não havendo interesse público ou interesse informativo relevante na perpetuação da sua divulgação. Assim, permite-se que cada indivíduo tome os rumos que deseja, sem ser eternamente cobrado por acontecimentos que aconteceram no passado e já não fazem parte da sua realidade atual. (Avellar, 2017, p. 11)

Até o momento da conclusão do episódio, esse direito era apenas uma proposta aguardando aprovação. Apenas oito episódios mais tarde o autor retoma essa proposta, agora no episódio *Taca-lhe Pau (2022)*, dois anos depois; Chico comenta que o projeto não foi aprovado. Mas o interessante é a narrativa que relaciona esses dois episódios, em que um apresenta o projeto de lei, enquanto o próximo traz o resultado, e ambos acabam por contar histórias com consequências negativas na vida dos indivíduos protagonistas dos memes; isso não significa que não existam aspectos positivos ou indiferentes, em alguns episódios, são poucas as consequências, no próprio episódio *Taca-lhe Pau (2022)*, a família soube lidar com a situação de uma maneira que o menino protagonista segue sua vida normalmente.

O objetivo principal era observar essas histórias do ponto de vista narrativo e compreender o meme em si. Para isso parte-se da premissa de que os memes analisados se configuram como imagens técnicas e acontecem em meio a uma *Cultura da Conexão*.

Foi realizada, primeiro, uma sistematização desses dois memes, um exercício de navegar pelas redes vendo todas as formas possíveis em que eles foram utilizados, acessados, transformados. Nesse momento encontrou-se matérias jornalísticas que vez por outra mencionam algumas das consequências na vida dos indivíduos. Cruzando essa pesquisa com a narrativa do *podcast* é possível formular uma visão ampla sobre os efeitos aparentes e os pessoais na vida dos protagonistas. O objetivo não é propor generalizações a partir das considerações. Nesse sentido, essas reflexões servem para contextualizar as análises sobre os sujeitos da pesquisa.

Além disso, para a contextualização dessa análise é importante compreender o instrumento *podcast*. O termo "Podcasting" surge da combinação de "iPod" com

"broadcasting", e refere-se a uma ferramenta que possibilita o armazenamento de conteúdos de áudio em plataformas de *streaming* na internet.

Essas novas tecnologias de conexão móvel têm permitido cada vez mais a mobilidade ubíqua e, com isso, a instituição de novas práticas culturais na cibercultura. Esses dispositivos vêm permitindo também o acesso ao ciberespaço a partir de outras estratégias e linguagens. Em nosso tempo, acessamos menos o ciberespaço a partir de dispositivos fixos, ou seja, computadores e tecnologias de acesso à internet presos a uma estação de trabalho desktop. As novas formas de acesso não só mudaram a nossa relação com o ciberespaço, elas vêm modificando radicalmente a nossa relação com os espaços urbanos em geral e estes com o ciberespaço. (Santos, 2019, p. 36)

Os *podcasts* são muito parecidos com programas de rádio, com a principal diferença de que o conteúdo está disponível para que o ouvinte escute quando desejar, não sendo transmitido ao vivo. É possível encontrar *podcasts* sobre uma ampla variedade de temas em diversas plataformas. Para a continuidade da discussão, será analisado o *podcast Além do Meme*, de Chico Felitti, disponível exclusivamente no serviço de *streaming* Spotify. Conforme a descrição na plataforma, "É um *podcast* investigativo que mistura jornalismo e entretenimento, cada episódio traz o perfil de uma pessoa que teve sua vida transformada depois de viralizar na internet e vai a fundo nas histórias nunca contadas das pessoas além do meme" (Felitti, 2020).

O *podcast* narrativo *Além do Meme*, lançado em 2020 pelo jornalista e cientista social Francisco Dias Felitti, mais conhecido como Chico Felitti, é uma produção do portal PapelPop e do *podcast Um Milkshake Chamado Wanda*. A equipe conta com Otávio Bonfá na produção e Luan Alencar na edição.

Felitti é formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e, embora tenha iniciado uma graduação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, não a concluiu. No entanto, considera-se um jornalista de coração. Ele também possui um mestrado em escrita ficcional pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Sua trajetória no campo da comunicação começou como *trainee* no jornal Folha de São Paulo, no qual atuou por nove anos, ocupando os cargos de repórter, colunista e editor. Além disso, colaborou com portais como Glamurama e BuzzFeed, nos quais publicou uma de suas reportagens mais conhecidas, intitulada "Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece". Essa matéria deu origem ao livro *Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa*,

*o silicone e uma história de amor* (2019), o que abriu caminho para outras publicações importantes, como os livros-reportagem *A Casa: A história da seita de João de Deus* (2020), *Elke: Mulher Maravilha* (2021) e *Rainhas da noite: As travestis que tinham São Paulo a seus pés* (2022).

Em junho de 2022, Chico lançou seu segundo grande trabalho em formato de *podcast* pela Folha de São Paulo, também disponível no *Spotify*, intitulado *A Mulher da Casa Abandonada*. Esse *podcast* narrativo seriado consolidou sua presença no cenário do jornalismo em áudio.

Além disso, Chico é o roteirista e narrador do *podcast Além do Meme*, que se divide em duas temporadas com um total de 26 episódios, sendo 10 na primeira e 16 na segunda. Com episódios de cerca de 50 minutos, ele investiga profundamente um meme em cada capítulo, explorando seu surgimento, o motivo de sua popularidade e os impactos na vida dos envolvidos. O *podcast* também está presente nas redes sociais, com perfis no X (antigo *Twitter*) e *Instagram*.

Em uma entrevista concedida à Alpha FM, de São Paulo, em 22 de fevereiro de 2022, e disponibilizada no YouTube, Chico Felitti explicou como ocorre a seleção dos memes que ele investiga para o *Além do Meme*. Segundo ele, dois critérios são fundamentais: o meme precisa ser amplamente conhecido tanto na internet quanto fora dela, e a história deve ter provocado uma transformação significativa na vida da pessoa envolvida.

O *Além do Meme* rapidamente ganhou destaque após seu lançamento, tornando-se exclusivo do *Spotify*. No *podcast*, Chico vai além da simples análise de memes, buscando histórias surpreendentes, divertidas e emocionantes. Segundo sua descrição na plataforma *Spotify*, ele “realiza uma investigação profunda para retratar a vida de pessoas reais que, de maneira inesperada, foram lançadas ao estrelato — algumas já almejavam a fama, enquanto outras tiveram suas vidas drasticamente alteradas por ela” (Felitti, 2020).

Figura 13 — Capa do Podcast "Além do meme"



Fonte: Spotify. Acesso em: 7 nov. 2024.

Como parte do desenvolvimento desta pesquisa, escolheu-se dois episódios para serem analisados, o 10º da primeira temporada, intitulado: *O Menino do Bar Mitzvá*, lançado em novembro de 2020 e o oitavo da segunda temporada, intitulado: *Taca-lhe Pau*, lançado em abril de 2022. A escolha deles se deu pelo potencial que possuem de ilustrar o alcance e as consequências do processo no qual um indivíduo dá origem a um meme. Ambos os casos servem como exemplares de narrativas desdobradas dos memes, tema central desta dissertação, e demonstram como o impacto da fama involuntária reverbera na vida pessoal e social dos envolvidos, transformando suas trajetórias. Assim, esses episódios não apenas relatam a forma, mas também exploram de maneira narrativa algumas implicações decorrentes da exposição midiática. Esses fatores tornam tais casos particularmente enriquecedores para a análise dos efeitos que a cultura digital exerce sobre a identidade e as relações interpessoais, chegando ao que se chama aqui de "cúmulo do redimensionamento". Olha-se para os memes segundo a teoria da escalada da abstração de Flusser, mas nesse sentido, percebe-se que as narrativas advindas deles fazem na verdade uma reversão desse movimento.

Esse processo de abstração tem características paradoxais. Nossos sistemas de percepção das coisas e dos outros tanto são enriquecidos como são empobrecidos pela constante subtração de partes para aperfeiçoamento dos processos comunicativos. [...] [Flusser] mapeia o crescimento da abstração na medida em que experimentamos a comunicação tridimensional

(com o corpo), a comunicação bidimensional (com as imagens), a comunicação unidimensional (com o traço, a linha e a escrita) e a comunicação nulodimensional (com os números e os algoritmos das imagens técnicas) (Menezes, 2008, pp. 113-114).

Memes podem partir dessa realidade do mundo concreto ou de criações ficcionais. No caso desse *podcast*, trabalhou-se sempre com memes gerados por situações do mundo concreto que tiveram suas dimensões ampliadas. Um breve resumo será feito dos dois episódios escolhidos, sendo o primeiro *O menino do Bar Mitzvá*, e o segundo *Taca-lhe Pau*.

O caso do *Menino do Bar Mitzvá* (utilizado amplamente como exemplo de discussões sobre o direito à imagem) envolve um garoto que, como parte da celebração de seu aniversário de 14 anos, em 2012, teve um vídeo especial criado para a ocasião. Este vídeo era uma paródia da música “What Makes You Beautiful” da banda One Direction, e a letra contava a história dele, incluindo fotos de quando tinha 13 anos, momentos com sua família e várias cenas nas quais ele aparecia cantando e falando sobre suas viagens e interesses, tudo com um tom cômico.

Inicialmente, o vídeo foi feito para os 400 convidados da festa, mas acabou alcançando mais de 40 milhões de visualizações, pois foi disponibilizado no *YouTube* para que familiares que moravam fora do Brasil pudessem assistir. O vídeo se tornou extremamente popular na internet, sendo alvo de várias paródias em sites de humor. Seus pais notaram que a repercussão estava indo além do desejado. O conteúdo do vídeo estava sendo fortemente ampliado pela dinâmica das redes sociais que existia em 2012, quando plataformas como o *YouTube* permitiam o *upload* gratuito de vídeos e uma grande quantidade de mídias era compartilhada por e-mail, muitas das quais eram vídeos postados na plataforma.

Mesmo após tentativas de remover o vídeo da conta no *YouTube*, ele já havia se espalhado pela internet. Com isso, uma ação judicial foi movida contra o site, exigindo a retirada do conteúdo com base no direito à imagem e à privacidade. Em primeira instância, o pedido foi considerado improcedente, uma vez que o videoclipe havia sido publicado de forma voluntária. O editor do *podcast* realizou uma busca de seis meses investigando a vida desse menino, o que revelou um processo no qual, devido à divulgação do vídeo, ele sofreu ameaças de morte, foi alvo de entrevistas de emprego apenas para tirarem *selfies* com ele e acabou desaparecendo. Fala-se de desaparecimento porque, no episódio, o narrador menciona que foi impossível

contatar o garoto para obter informações, e toda a investigação e as histórias relatadas na reportagem foram coletadas através de pessoas envolvidas no processo, como a produtora do vídeo e o responsável por gravar a paródia. Felitti conclui o episódio afirmando que o menino acabou buscando um emprego fora do Brasil, onde seu nome não era motivo de piada, e continua vivendo no exterior.

O narrador do *podcast* fez um apelo para que o nome e o sobrenome do menino que se tornou um meme não fossem mencionados, em respeito ao seu direito ao esquecimento e ao esforço da família para restaurar uma certa normalidade enquanto ele crescia e tentava se integrar ao cotidiano e ao mercado de trabalho, enfrentando muitos efeitos negativos da exposição excessiva. A narrativa do *podcast*, ao abordar os fatos envolvidos, busca fomentar a compreensão de todo o processo, respeitando a família e evitando a utilização de um nome que foi amplamente divulgado e ridicularizado, concedendo assim um direito básico, mas até então negado, que é o direito ao esquecimento<sup>8</sup>.

Já em *Taca-lhe Pau*, a narrativa contada é a do menino que gritou "taca-lhe pau!" para o primo enquanto brincavam. Vê-se no episódio que esse menino, Leandro Beninca, escolheu o caminho do anonimato. Nove anos depois de protagonizar o meme, tem uma vida comum de aluno do Ensino Médio com dois empregos e uma poupança que criou na época da fama. Ainda no mesmo episódio, o narrador Chico amplia a discussão ao comentar mais alguns exemplos de memes aos que chama de "memes mirins", ou seja, protagonizados por crianças e adolescentes. Nesse momento, um dos casos comentados é o de Lara, do meme que ficou conhecido como "Já acabou, Jéssica?", pergunta que Lara da Silva fez em novembro de 2015, em meio a uma briga na saída da escola, no município de Alto Jequitibá, em Minas Gerais.

O vídeo mostra Lara caída no chão, enquanto Jéssica está em cima dela. As duas trocam agressões, mas em um determinado momento Lara consegue se levantar após a outra garota correr e ainda desorientada, arruma o cabelo e pergunta: "Já acabou, Jéssica?". As agressões físicas se encerraram ali, e segundo o que conta, o principal motivo da briga teria sido o ciúme que Jéssica tinha de um garoto com quem

---

<sup>8</sup> Segundo Avellar (2017), o direito ao esquecimento é uma ferramenta concedida ao indivíduo, em especial quem vive na sociedade da informação, que lhe permite escolher como serão tratados seus dados pessoais, ou mesmos suas fotos, vídeos ou fatos a seu respeito, que ocorreram, mas já foram superados, não havendo interesse público ou informativo relevante na perpetuação da sua divulgação. Assim, permite-se que cada indivíduo tome os rumos que deseje, sem ser eternamente cobrado por acontecimentos que aconteceram no passado e já não fazem parte da sua realidade atual.

namorava na época. No dia seguinte as mães das garotas foram chamadas para conversar com a diretoria da escola e com o conselho tutelar. Ambas assinaram um documento alegando que iriam conversar com suas filhas para evitar que algo assim acontecesse novamente. Ainda assim, muitas pessoas da cidade haviam visto briga através do vídeo que estava sendo compartilhado. A jovem conta que não conseguia focar os estudos por conta das brincadeiras com o ocorrido e da pergunta que passou a ser massivamente repetida em todo o país.

O momento da briga ocorreu quando Lara tinha ainda 12 anos. Esse acontecimento teve grande impacto após ser filmado e compartilhado nas redes sociais. Com 18 anos, ela conta que ainda não aceitou totalmente tudo o que se desdobrou. Após a repercussão, ela se tornou alvo de bullying, abandonou a escola, passou a se cortar e começou um tratamento psiquiátrico. O vídeo virou caso de justiça, as duas garotas movem processos contra emissoras de televisão e plataformas nas quais a cena foi exibida. Existe um processo para que as imagens sejam excluídas e que seja paga uma indenização por danos morais e materiais.

Nas ações movidas na justiça, consta o tratamento psiquiátrico de Lara e a declaração de que vive em constante constrangimento que ocasionaram danos psicológicos e que teve sua honra manchada injustamente perante o público. São ações movidas contra o *Google*, *Facebook*, SBT, Record, Band e dois rapazes que fizeram um jogo baseado na briga. Sua defesa argumenta que essas plataformas foram fundamentais para a rápida propagação do vídeo e não fizeram nada para impedir os compartilhamentos do registro, mesmo envolvendo exposição de adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) discute integridade física, psíquica e moral do adolescente, abrangendo a preservação da identidade, autonomia, valores e crenças desses jovens. No início de 2021, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que o direito ao esquecimento, citado também no episódio descrito anteriormente do *Menino do Bar Mitzvá*, que poderia facilitar a remoção de conteúdos na internet, é incompatível com a Constituição Federal, uma vez que impedir a divulgação de fatos ou dados verídicos pode comprometer a liberdade de expressão. Contudo, o STF ressaltou que eventuais excessos ou abusos no exercício da liberdade de expressão e de informação devem ser avaliados individualmente, com base nos parâmetros constitucionais e na legislação penal e civil. Os advogados de

Lara esperam que a Justiça considere o caso dela como um desses em que os registros precisam ser removidos da rede.

A análise desses episódios do *podcast* nos oferecem diversas perspectivas sobre as narrativas geradas a partir dos memes e seus impactos nas vidas dos indivíduos. Nos episódios *O Menino do Bar Mitzvá* e *Taca-lhe Pau*, observou-se como a viralização de memes pode transformar profundamente as trajetórias pessoais e sociais dos envolvidos. No caso do *Menino do Bar Mitzvá*, o impacto foi tão intenso que o protagonista precisou mudar de identidade e até de país devido à repercussão. Esse fenômeno ilustra o que se chama de “cúmulo do redimensionamento”, uma ampliação e reconfiguração dos significados que o meme original carrega ao longo do tempo.

As narrativas apresentadas revelam que os memes não se limitam ao entretenimento, mas funcionam como dispositivos que mobilizam valores culturais e refletem dinâmicas sociais contemporâneas. As histórias desses indivíduos expõem suas lutas e adaptações às novas realidades, permitindo um olhar mais humanizado sobre o meme e sobre os protagonistas envolvidos. Essa abordagem destaca a importância de compreender os memes para além de sua função humorística, explorando suas dimensões culturais.

As narrativas contidas nos episódios do *podcast* ajudam a restituir uma dimensão humana aos elementos digitais, criando uma conexão emocional entre os ouvintes e as histórias contadas. Essa mediação possibilita que os memes funcionem como pontes entre o espaço virtual e o real, ao mesmo tempo em que refletem questões sociais, políticas e culturais mais amplas.

Pode-se mensurar a jornada dos memes desde sua concepção como “imagens nulodimensionais”, conforme descrito por Flusser (2008), até suas múltiplas reinterpretções e significados expandidos adquiridos por meio da circulação nas redes. Esse processo evidencia a “reversão da abstração”, na qual as experiências dos protagonistas são resgatadas e recontextualizadas por meio das narrativas mediáticas. Assim, os episódios do *podcast* destacam a forma como os memes, enquanto fenômenos culturais, se conectam a aspectos profundos da identidade, vulnerabilidade e subjetividade dos envolvidos, abordando ainda o papel das mídias digitais na vida contemporânea.

Discutiu-se aqui o que Flusser propõe como um modelo “fenomenológico” da história da cultura. Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de

computador assumem o papel de portadores de informação, que em outro momento fora representado por textos lineares. Pode-se vivenciar, conhecer e valorizar o mundo graças a superfícies imaginadas. A estrutura de mediação influi sobre a mensagem, o que acarreta mutações na vivência, conhecimento e valores.

As novas imagens não ocupam o mesmo nível ontológico das imagens tradicionais, são fenômenos sem paralelo no passado (Flusser, 2008, p. 15). Enquanto as tradicionais são como superfícies abstraídas de volumes, as técnicas são construídas com pontos. Para essas imagens, a manipulação é o gesto primordial, pois assim o homem abstrai o tempo do mundo concreto e transforma a si próprio em ente abstraidor, levando-o ao propósito de toda abstração, que é o de tomar distância do concreto para poder agarrá-lo melhor. Caminho esse, que no caso de um meme, pode voltar-se diretamente para seu ponto de partida concreto, algo que se chama aqui de reversão da abstração. Para compreender esse conceito, será resumido todo o processo da escalada da abstração.

Os cinco passos rumo à abstração não são necessariamente tomados um após o outro. Cada dimensão é marcada por uma modalidade predominante de experiência vivida correspondente a um código geral, que fica responsável por unificar a cultura e configurar essa experiência dentro de uma quantidade de dimensões, das quatro até a nulodimensionalidade ou dimensão zero. Começando pelas quatro dimensões, sendo as três dimensões de espaço mais a de tempo, se refere ao mundo da vida, o contato com o mundo mediado pelo corpo e orientado para a sobrevivência. Nas três dimensões, um degrau na escalada da abstração é descido e fica-se com apenas a tridimensionalidade do espaço, voltada para objetos que assumem um sentido para a experiência, que carregam um valor utilitário, ferramentas e artefatos. Nesse momento, a orientação sai da sobrevivência pura e segue para a utilidade, um esforço para poupar recursos, abreviar esforços e aumentar a eficiência.

Nas duas dimensões ao que também se pode chamar de Pré-História, criam-se as imagens tradicionais, em um esforço de evitar que tudo se dissolva em puro sensorialismo momentâneo de exploração do ambiente e uso de objetos. As imagens tradicionais permitem maior continuidade e transmissão da experiência vivida, sendo uma forma de representar a experiência primordial na quarta dimensão e o uso de ferramentas da terceira dimensão. O objetivo passa a ser representar o mundo em imagens, muitas vezes em caráter inventivo, e então usá-las para imaginar o mundo.

Em uma dimensão, ao que se pode chamar também de história, sai-se de um momento em que as imagens eram idolatradas, consideradas como algo que encobria a realidade do mundo, para uma necessidade de explicá-las, de tirar sua magia, desmembrar sua idolatria e analisar seus elementos. Dessa forma, a linguagem visual foi sendo transcodificada em textos (textum). Estes vêm para desfilar as imagens, articulá-las de modo linear, processual, como uma série sucessiva de acontecimentos. O texto passa a ser colocado como algo de nível superior, se torna registro e por fim, consciência histórica. O contato com o mundo deixa de ser primariamente visual para se tornar mais conceitual, calcado em uma racionalidade linear, sucessiva, narrativa e explanatória.

Conforme esses textos tentam explicar avanços cada vez mais complexos nas ciências, mais obscuros, herméticos e inconcebíveis eles se tornam. As teorias do conhecimento modernas, acompanhadas pela racionalidade lógico-matemática, já trabalhavam de forma a decompor as linhas em pontos. As teorias científicas passam a se expressar de maneira mais matemática, de forma a conceber o universo por meio do cálculo, assim, a ciência tem seu mais acelerado avanço no domínio tecnológico.

As revoluções nas telecomunicações são reflexos das teorias científicas modernas na física e computação. A experiência vivida nessa fase é habitada por imagens técnicas, isto é, imagens que são projetadas por programas escritos em linguagem computacional e executadas por aparelhos eletrônicos (fotografias, vídeos, gráficos, artes digitais, interface de sistemas, memes etc.). Essas figuras são compostas por pontos, pixels distribuídos de acordo com a capacidade computacional. Tem-se uma imagem que não faz referência a um passado, que está num plano atemporal, sem conhecimento específico do programa e não há formas seguras de se discutir sua veracidade. São ilustrações formalísticas, pontuais e sintéticas. As imagens técnicas não possuem, portanto, um mundo natural de primeira ordem, são baseadas em programas que podem ser decifrados, editados e manipulados para projetar realidades alternativas.

O meme enquanto imagem técnica é parte dessa nulodimensionalidade, normalmente seria possível dizer que se dá dimensões a essas figuras conforme são reproduzidas no mundo material. Porém, atenta-se aqui a uma leitura do processo de compreensão e do mundo que foi construído ao manipular essas imagens. Ao encarar um meme, dá-se sua dimensão conforme interpreta-se os elementos ali envolvidos.

O quanto infere-se e dimensiona-se seus elementos determinará a dimensão que este elemento terá para cada pessoa.

Portanto, tem-se aqui uma imagem produzida em nulodimensionalidade, em que pode vir a ser fisicamente dimensionada no mundo real, e que em um viés comunicacional pode retomar suas dimensões e ampliá-las. Neste ponto, será chamado de *reversão da abstração* o movimento que leva os memes a retomarem as quatro dimensões para si. Apesar de não virem de um mundo natural de primeira ordem, elas caminham nesse movimento tomado por proporções incalculáveis, até chegarem à sobrevivência dos indivíduos envolvidos.

Da mesma forma que a escalada da abstração não ocorre necessariamente na ordem em que foi explicada nesta pesquisa, o mesmo valerá para a reversão da abstração. Ainda assim, ela será compreendida de maneira quase que cronológica. Como o caso do *Menino do Bar Mitzvá* é um excelente exemplo para analisar esse movimento, a retomada das dimensões será trabalhada.

Pensando no material desse meme como uma imagem técnica, situamo-lo na dimensão zero, porém, ao ser encaminhado anexo a um *e-mail*, com algum texto explicando ou o comentando, ele alcança a primeira dimensão. Há também a possibilidade de os comentários abaixo do próprio vídeo na plataforma do *YouTube* alcançarem essa primeira dimensão por meio do texto.

Ainda é possível que se criem representações ou impressões desse material, podendo estas pertencer ao segundo grau das dimensões, sendo imagens tradicionais. Dentro de uma plataforma de edição, esse material pode servir como instrumento ou até usado como uma "ferramenta comunicacional" em forma de *GIFs* ou *sticks*, alcançando a terceira dimensão. Quando se acrescenta o tempo nessa "equação", tem-se o momento que o meme sofre e causa consequências no tempo. Nesse nível, reitera-se, a realidade é vivenciada de forma plena e integral, sem distinções entre diferentes aspectos da experiência. Cada momento é uma vivência completa, orientada pela necessidade de manter a vida e a integridade física.

A permanência de certos memes no imaginário coletivo também ilustra esse fenômeno. Enquanto alguns são efêmeros, outros se tornam referências culturais duradouras. O caso do *Menino do Bar Mitzvá* demonstra como um meme pode continuar sendo lembrado e discutido anos após seu surgimento, especialmente quando sua história é revisitada por meio de narrativas que o ressignificam. Dessa

forma, pode-se entender a reversão da abstração como um processo dinâmico e não linear, permeado por diversas camadas de interação e interpretação.

A capacidade de um meme se transformar ao longo do tempo pode depender também da maneira como ele é apropriado por diferentes espaços culturais. Um meme que nasce em um contexto específico pode atravessar fronteiras linguísticas e culturais, assumindo novos significados e sendo ressignificado por comunidades diversas. Esse fenômeno reforça a ideia de que os memes são estruturas maleáveis, passíveis de reconstrução constante e influenciadas pelo repertório de cada indivíduo ou grupo social que os consome.

Fala-se de um movimento de cunho técnico até então, mas note que essa reversão é também altamente dependente da dimensão que cada usuário será capaz de reiterar, seus conhecimentos prévios, sua compreensão dos signos, do contexto, dos elementos envolvidos, tudo que um meme pode carregar condensado em si pode ser interpretado em níveis diferentes por quem o vê e, dessa forma, retoma dimensões específicas e variadas entre os usuários. As narrativas mediáticas, comentadas há pouco, têm o poder de situar um meme no tempo, levando-o facilmente para a quarta dimensão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrou-se uma imagem técnica que faz o movimento contrário, algo que não subtrai, mas amplia. É um "caldo da cultura humana" produzido como imagem técnica, no qual não há subtração de dimensões, mas ampliação delas. Falou-se aqui de "cúmulo do redimensionamento" no caso do menino do Bar Mitzvá, por exemplo, porque o movimento narrativo que se segue após virar um meme volta tanto para a vida concreta dele, que chega ao ponto de ele ter de se abster de sua identidade, mudar de país por conta da repercussão. Então o meme leva de volta à realidade.

Abordou-se na pesquisa como essas narrativas desdobradas dos memes são constituídas. Viu-se que elas falam diretamente dos indivíduos envolvidos, mas de uma forma em que é possível ter outro olhar para o meme original, uma perspectiva mais pessoal, mais humanizada. Dentro da cultura da conexão, foi possível compreender as mecânicas da cultura participativa, da inteligência coletiva e da convergência digital em que o meme está inserido.

Buscou-se compreender o meme em si, para então discutir o potencial de suas narrativas. Compreendeu-se dentro do contexto da escalada da abstração onde está situada a imagem técnica. Conseguiu-se obter uma consciência de sua programação. Falou-se aqui de um reconhecimento da artificialidade da comunicação e de como parte dessa programação se estrutura no processo que leva à divulgação de um meme; essa consciência sobre como as imagens são produzidas e interpretadas é crucial para a liberdade e a compreensão crítica da sociedade contemporânea, algo importante para se discutir metodologias de interpretação de processos mediáticos.

Foi possível nos dois episódios da série *Além do meme* utilizados, por meio de um esforço narrativo, compreender os casos apresentados neles. Assim, todo o levantamento realizado nesta pesquisa torna-se viável pela amplitude que esse jogo narrativo alcança. Pode-se considerar essa abordagem como um ponto de partida para compreender a natureza narrativa dos memes, percebendo que a documentação do processo está intrinsecamente ligada à narrativa. Não apenas na fase de registro e discussão, mas também na própria estrutura do meme, que, ao conter um poder transformador, incorpora dimensões. A interpretação de um meme depende de como dimensiona-se seus elementos e do significado atribuído. Inicialmente, ele é uma imagem nulodimensional que, ao ser compartilhada e comentada, ganha uma dimensão comunicacional e pode recuperar outras dimensões. Esse processo,

chamado de "reversão da abstração", envolve sua transição de uma existência meramente digital para interações que impactam o mundo físico e psicológico das pessoas, como no caso do *Menino do Bar Mitzvá*. Ao circular pela internet, um meme começa como imagem técnica (dimensão zero) e, ao ser contextualizado em plataformas ou discutido por meio de texto e edição, ele pode ganhar sucessivas dimensões: primeira, segunda, terceira e, com o impacto temporal e social, até a quarta. Assim, a experiência do meme se torna mais completa, pois é enriquecida pelo conhecimento e pelas interpretações individuais de cada usuário, o que o situa no tempo e reforça seu valor na narrativa mediática.

Desde sua criação até seu compartilhamento, cada meme possui uma sequência de eventos que dialoga com o público, permitindo que os receptores compreendam e interajam com sua narrativa proposta. Esse ciclo de interação posiciona cada processo em sua própria narrativa única. Embora aqui tenhamos abordado apenas dois exemplos específicos, há um vasto campo de pesquisa para explorar as narrativas desdobradas dos memes sob uma perspectiva cultural, que enfatiza a produção de sentidos da imagem e sua relação com os processos que envolvem essas interações.

Mencionou-se a importância das imagens técnicas, ressaltando a necessidade de desenvolver competências críticas e criativas nos indivíduos diante das novas dinâmicas de mídia e significação no ciberespaço.

Os memes se tornaram cruciais na interpretação e ressignificação de informações, funcionando como veículos de comunicação cultural nas mídias digitais. Ao integrar as linguagens verbal e visual, eles exemplificam a multimodalidade, exigindo dos usuários uma competência crítica para interpretar e produzir novos significados. Destacou-se que a comunicação atual é caracterizada pela predominância das imagens e pela transformação das práticas sociais, especialmente com a ascensão da cultura participativa. A disseminação de significados ocorre dentro de um contexto social, e a análise crítica é essencial para compreender essa dinâmica, o que reforça a necessidade de práticas educativas que desenvolvam a capacidade dos indivíduos de criar e compartilhar significados.

No desenvolvimento da pesquisa, os memes são analisados como resultados de um processo dinâmico de convergência das modalidades textuais no ambiente virtual, em que apenas a leitura do texto verbal não é mais suficiente; é necessário relacioná-lo a um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem.

Ainda pode-se estudar a natureza mutável e aberta dos memes, que estão em constante processo de transformação e reformulação, refletindo a multiplicidade de vozes e perspectivas presentes na sociedade. Essa característica torna o papel do “criador” ou “autor” nebuloso, já que as fronteiras entre produção e consumo se dissolvem, permitindo uma cultura participativa. Em sua forma de se propagar, conecta-se a conceitos de “propagabilidade”, enfatizando que as pessoas podem tomar decisões ativas quando compartilham essas mídias.

Analisou-se suas narrativas e suas relações com as teorias de Flusser, não apenas ampliando a discussão sobre comunicação na era digital, mas também enfatizando a relevância desses elementos para a compreensão da cultura contemporânea e das práticas sociais que dela emergem. As narrativas desdobradas dos memes representam um fenômeno comunicativo que revela a complexidade das interações sociais e culturais na era digital, mostrando que esses memes não são apenas elementos de entretenimento, mas sim portadores de significados que dialogam profundamente com a realidade dos indivíduos envolvidos. Destacou-se que essas narrativas, ao serem analisadas, permitem perceber as dimensões pessoais e humanizadas que cercam cada meme original e possuem, portanto, uma força comunicacional, transportando histórias que tocam a experiência humana, como os projetos e angústias sociais que envolvem os indivíduos representados. Tudo dentro de um processo que se adapta pela reprodução e resignificação de um conteúdo original. Nesse aspecto, a mutabilidade dos memes é uma característica central, pois favorece a criatividade e a inovação, propiciando uma constante reformulação das narrativas por meio de remixagens e paródias que refletem a cultura contemporânea.

Ademais, em narrativas como os episódios *O Menino do Bar Mitzvá* e *Taca-Ihe Pau*, as consequências sociais e emocionais que a fama involuntária traz para os protagonistas pode levar a uma série de desdobramentos na vida real, como a necessidade de reconfiguração da identidade e de adaptação à nova realidade criada pela exposição midiática. Essas narrativas constituem uma rica área de estudo que amplia a compreensão sobre a comunicação, envolvendo os elementos da cultura digital, ressaltando a intersecção entre cultura, tecnologia e subjetividade, e promovendo uma leitura crítica sobre os impactos sociais dos memes na era digital.

As narrativas mediáticas devem desempenhar um papel fundamental no processo, especialmente em relação aos memes e suas dinâmicas, pois ajudam a representar, interpretar, identificar e criticar (Silva e Santos, 2009) diversos fenômenos

sociais e culturais, promovendo uma percepção mais ampla da realidade. Encontrou-se nas narrativas uma mediação da experiência que possibilita que as subjetividades dos indivíduos sejam mobilizadas, criando um espaço em que eventos e experiências podem ser compartilhados e discutidos. As consequências dos episódios analisados apenas exemplificam a urgência de compreender a extensão mediática que narrativas como as analisadas podem alcançar e sugerem o quão essencial é compreender esse fenômeno, que busca expressar e reafirmar identidades culturais e sociais em um formato acessível e engajante.

Pode-se usar as narrativas para situar todo o processo cronologicamente, permitindo que as pessoas compreendam eventos complexos e façam conexões entre diferentes aspectos da vida social. Isso inclui a transformação de eventos em histórias que podem ser contadas e reinterpretadas, ajudando a dar sentido às vivências individuais e coletivas para que esses indivíduos criem e compartilhem novas significações, algo que pode inclusive, fortalecer a cultura participativa presente na internet.

## REFERÊNCIAS

- AVELLAR, E. L. **Direito ao esquecimento na internet: a sua implementação nos dias atuais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito), Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- BARBOSA, Thiago. F. **Vai virar meme: transformações do sensorium e da política na cultura audiovisual**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.
- BLACKMORE, Susan J. **The meme machine**. Oxford Paperbacks, 1989.
- CARVALHO, Victor C. R. **COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA SOCIEDADE DE PLATAFORMAS: As redes de comunicação e o meme "Faixa da UFSM"**. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - UFSM, 2023.
- CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. SciELO-EDUFBA, 2020.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- DE LOPES, Maria I. V. **Pesquisa em comunicação**. Edições Loyola, 2003.
- DE OLIVEIRA, Artur; VELOSO, Maria. **MEMES ENQUANTO TECNOIMAGENS: um olhar sob o prisma das teorias de Vilém Flusser**. Intexto, 2020.
- DE OLIVEIRA CALIXTO, Douglas. **Memes na internet: entrelaçamentos entre a "zoeira" de estudantes e a apropriação do gênero discurso na escola**. **Periferia**, p. 131-152, 2019.
- FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Relume Dumará, 2005.
- GARCIA, Juliano dos Santos. **O enunciador digital em ecossistemas chans: interações e ciberviolência**. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2024.
- GOMES, Alice. **A dinâmica transmídia do meme Slender Man no Tumblr: circulação e transformação de sentidos na internet**. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: UFMG-FAFICH, 2021.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva. **Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos.** Texto Digital, v. 12, n. 2, p. 185-208, 2016.

HORTA, Natália. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica.** Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: undefined, 2015.

INOCENCIO, Luana. **O MEME É A MENSAGEM: Cultura memética, entretenimento digital e estética remix na cultura participativa.** Mestrado em COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPB, 2015.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** Aleph, 2015.

LEIROS, Dandara. **DE VICE DECORATIVO A VAMPIRO: representações e enquadramentos do ator político em charges e memes de Michel Temer.** Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoata, 2020.

LUGARO, Eugenia. **MIDIATIZANDO E MEMETIZANDO O FEMINISMO NO MEME "BELA, RECATADA E DO LAR.** Mestrado em ESTUDOS DA MÍDIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca, 2020.

MAIA, Alessandra; ESCALANTE, Pollyana. **Consumo de memes: imagens técnicas, criatividade e viralização.** Anais do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2014.

MALLMANN, Lidiane. **PROCESSOS MEMÉTICOS: Imagens e multiplicação de sentidos.** Mestrado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo, 2018.

MENEZES. **CULTURA DO OUVIR: os vínculos sonoros na contemporaneidade.** Líbero, XI (21):111-118. Acessado em: 28/10/2024, disponível em: [http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero\\_21/compactadas/10\\_jose\\_eugenio.pdf](http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero_21/compactadas/10_jose_eugenio.pdf), 2008.

NEVES, Luiz. **MEMES COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: relacionamento e produção de sentidos de universidades federais brasileiras no Facebook.** Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: ufg, 2019.

QUIROGA, Tiago; POLICENA, Guilherme. **Sobre a comunicologia de Vilém Flusser: uma visada epistemológica.** Lumina, v. 14, n. 3, p. 22-36, 2020.

RICOEUR, Paul et al. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papirus, 1994.

ROCHA, A. de O.; VELOSO, M. do S. F. **Memes enquanto tecnoimagens: um olhar sob o prisma das teorias de Vilém Flusser**. Intexto, Porto Alegre, n. 51, p. 242–258, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/102555>. Acesso em: 7 out. 2023.

RODRIGUES, Marina. **“MEME, MEU IDIOMA”**: Os Usos e Apropriações de Memes por Nativos Digitais para Falar de Política no Cotidiano. Mestrado em Mídia e Cotidiano Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFF - BCG, 2018.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro dos; SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Narrativas mediáticas**. Dicionário de comunicação. São Paulo: Paulus, p. 356-357, 2009.

SANTOS, E. dos. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro dos. **Peregrinação, experiência e sentidos**: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. E-Compós, [S. l.], v. 18, n. 2, 2015. DOI: 10.30962/ec.1198. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1198>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SILVA, Miriam Cristina Carlos. **O INFILTRADO**: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. Galáxia (São Paulo), p. 125-137, 2015.

SILVA, Miriam C. C.; SANTOS, Tarcyanie C. **A Caminho de La Paz**: a leitura fílmica na perspectiva da análise da narrativa. São Paulo: no prelo, 2022.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e cultura**, v. 68, n. 3, p. 60-61, 2016.